

FACULDADE DOM BOSCO DE FILOSOFIA
CIÊNCIAS E LETRAS

O PADRE MACHADO

OU

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DO CÔNEGO
ANTÔNIO JOSÉ DA COSTA MACHADO

DOM ANTÔNIO DE ALMEIDA LUSTOSA
ARCEBISPO DE FORTALEZA — CEARÁ

p.p. 31 = Amigo de
Joaquim Honório dos Santos
casamente selviano

SÃO JOÃO DEL-REI
MINAS GERAIS
1966

FACULDADE DOM BOSCO DE FILOSOFIA
CIÊNCIAS E LETRAS

O PADRE MACHADO

OU

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DO CÔNEGO
ANTÔNIO JOSÉ DA COSTA MACHADO

DOM ANTÔNIO DE ALMEIDA LUSTOSA
ARCEBISPO DE FORTALEZA — CEARÁ

*As Reunioes S. Luiz Ricceri
do Superior Geral
das Salesianas*

cf. p. 31 →

com veneração

*oferece
+ A. Lustosa*

Carpiña - 10 - III - 68

SÃO JOÃO DEL-REI
MINAS GERAIS
1966

cf. p. 31

DUAS PALAVRAS

Homens há que passam pela vida como semeadores de joio. Foram-se, mas deixaram um triste rasto de sua nefasta passagem pela terra. Não cuidemos dêstes. Outros há que passaram como seres inúteis. Inócuos em certo sentido, mas nada deixaram de aproveitável.

Como a figueira do Evangelho que ocupava um lugar no pomar e não dava fruto algum. Há uma terceira categoria de homens: a dos que passaram fazendo o bem. Existências abençoadas! Árvores frutíferas que a muitos saciaram, dando de si largamente, compelidos pela caridade de Cristo. Seus nomes foram abençoados pelas gerações a que pertenceram e honraram. Mas também, seus pósteros usufruíram das prodigalidades de suas almas ricas de virtudes. Semearam a boa semente nos caminhos da vida que percorreram, sem perder de vista o fim para o qual foram criados.

Como o sol que, à hora do arrebol, já não se deixa ver, mas continua a iluminar a terra, tingindo o horizonte com a cópia luxuriante dos matizes crepusculares, assim essas vidas que se prodigalizaram na difusão do bem. Dizem as letras Sagradas, aludindo ao Servo de Deus *defunctus adhuc loquitur*, depois de morto continua a falar.

O Padre Machado foi dêsses homens que partem para o além, mas ficam ainda por muito tempo na terra, a edificar os mortais. Como os vasos que guardam essências aromáticas e que, depois de vazios, continuam por muito tempo a trescalar o mais suave perfume, assim a cidade natal do bom sacerdote por muitos anos trescalou o *bonus odor Christi* de que era impregnada a sua vida, a vida dêsse seu grande filho.

Mas hoje, oitenta anos percorridos desde a morte do Padre Machado, seus contemporâneos já desapareceram. Se existe algum nonagenário ainda, já quase nada se

recordará de quem lhe era porventura apenas conhecido quando criança.

Entretanto, é uma pena que desapareçam da memória dos homens os bons exemplos que deixaram os servos de Deus que passaram pela vida derramando benefícios a mão cheias. Para que não se percam de todo os exemplos de virtude que deixou neste mundo o Cônego Antônio José da Costa, deliberei alinhar estas breves considerações, à maneira de Traços biográficos do bom sacerdote. Vali-me do que muitas vêzes ouvi, de contemporâneos dêle e dos poucos comentários da imprensa, por ocasião de sua **morte**.

Queira o bom Padre Machado aceitar esta modestíssima homenagem póstuma, e enviar-nos lá do céu as bênçãos de Deus. Os moços que são chamados ao sacerdócio, inspirem-se nas virtudes do apostólico Ministro do Senhor e todos aprendamos a servir a Deus como êle, no fervor da oração e na generosidade do sacrifício.

I

A FAMÍLIA

Dos livros paroquiais da paróquia de Nossa Senhora do Pilar, em cuja Igreja paroquial, hoje catedral da Diocese de São João del-Rei, foi batizado Antônio José da Costa Machado, vamos extrair os dados referentes à família do nosso biografado.

Reproduzamos, *ipsis litteris*, a certidão do batismo de Antônio:

Certifico que as fls. 12 do livro do ano de 1837, de assentamento de batizados desta paróquia, encontra-se o do teor seguinte — Antônio — Aos vinte e nove de outubro de 1837 (mil oitocentos e trinta e sette), nesta matriz de Nossa Senhora do Pilar, da vila de São João del-Rei, de licença, o Reverendíssimo Vigário da Vara, João Ferreira Leite, batizou e pôs os Santos óleos a Antônio, nascido no dia vinte e um do corrente, branco, filho legítimo de Manoel José da Costa e Donna Francisca de Paula Magalhães; foram padrinhos Antônio José da Costa e sua mulher Donna Joanna Emília do Nascimento, por procurações que dos mesmos apresentarão o commentador Francisco Isidoro Baptista e Donna Delfina Leocadia, de que fiz êste assentamento e assignei.

O Vigário José Lamêda d'Oliveira.

Nada mais continha o dito assentamento, que fielmente foi copiado do original a que reporto.

Ita in fide Parochi

São João del-Rei, 12 de novembro de 1964

Mons. Almir de Rezende Aquino

Pároco da Catedral

L.S.

Pelo assentamento do casamento dos pais do nosso Antônio se deduz que Alferes Manoel José da Costa Machado, seu pai, era de nacionalidade portuguesa, batizado na freguesia de Santa Eulália. Quanto a sua mãe — Francisca de Paula Magalhães, era são-joanense e pertencia a uma grande família, cuja árvore genealógica já foi reconstruída e remonta a João Ramalho, que se casou com Bartira, filha de Tibiriçá, (Mais adiante, no Capítulo Primeiros Anos, aludiremos a esta família).

Antônio, nosso biografado, foi o 7.º filho do casal. A mais velha, Maria Isabel, era casada com o professor Ricardo Julio Duval, em cujo colégio Antônio fez seus estudos secundários. Os outros irmãos foram: Francisco José, Pedro José, Rita Guilhermina, Helena Hermelinda, José Carlos. Dissemos que Antônio era o sétimo filho; na verdade eram sete irmãos; não conhecemos porém a ordem cronológica dos nascimentos.

Notemos que na certidão de Batismo o párvulo é anotado apenas com o nome de Antônio, mas ele sempre se assinou Antônio José. E observa-se que tanto seu pai, Manoel José, como seus irmãos tinham também o nome de José. Pela certidão de óbito de Manoel José, sabemos que ele faleceu com os sacramentos da Igreja, tendo sessenta anos de idade, a 23 de dezembro de 1842, deixando portanto seu filho Antônio com cinco anos de idade.

Ficou assim o menino aos cuidados de sua mãe, que o soube educar admiravelmente. Pela linha materna, Antônio era bisneto do Sargento-Mor José Leite Ribeiro, português, minerador do Vale do Rio das Mortes, que dispunha de muitos recursos. Faleceu em São João, no ano de 1801.

II

O AMBIENTE

O Cônego Antônio José da Costa Machado, conhecido por Padre Machado, nasceu em São João del-Rei em 1837 (21 de outubro).

Só podemos ter uma noção menos imperfeita do valor de uma personalidade, conhecendo as circunstâncias em que decorreu sua existência. O espaço e o tempo dão à existência de cada indivíduo a configuração própria, inexplicável, muitas vezes, noutro ambiente ou noutra época. O torrão natal de cada um, com seu clima, com o gênero de vida dos seus habitantes, com o regime de governo da época, meios de comunicação, cultura, influências dos povos contemporâneos e mil outras circunstâncias, muito pesa na balança em que se deve pesar o mérito de cada existência, o valor das ações dos indivíduos.

Quando muda o cenário e queremos fazer um justo juízo sobre o que fez ou deixou de fazer determinada pessoa, somos muitas vezes traídos por um prisma muito diferente daquele através do qual seus contemporâneos e contemporâneos olhavam as cousas.

São João del-Rei, cidade natal do Padre Machado, pelo fim do século XVII, era um simples povoado. Só é elevado a categoria de Vila em 1713. Deve São João seu início e conseqüente desenvolvimento à exploração de suas terras auríferas e depois ao movimento nativista que ali foi também um fator de desenvolvimento. Digamos uma breve palavra sobre esses dois fatores, a *mineração* e o *nativismo*.

Pelos fins do século XVII ou começo do século XVIII, Tomé Portes del-Rei, atravessou o Rio das Mortes e foi explorar as terras auríferas de São João del-Rei.

A MINERAÇÃO

Em muitos pontos de Minas os paulistas que iam de Taubaté, ou de outras cidades da futura província de São Paulo, exploravam com resultado as lavras de ouro, apesar de serem muito primitivos os instrumentos de que dispunham para faiscar. Alguns desses faiscadores ou garimpeiros faziam parte de alguma bandeira ou isoladamente se davam à mineração.

O processo era lavar a areia ou o cascalho aurífero de modo a libertar o pó ou as pepitas de ouro dos outros minerais (silicatos, argila etc.) que houvessem. Usavam

então recipientes diversos como pratos de estanho, gamela, alguidar, cuia... Mais tarde adotaram a bateia, que afinal é uma gamela de forma cônica. Enquanto os faiscadores cuidavam apenas de lavar a areia dos rios, êsses instrumentos primitivos iam servindo.

Pelo fim do século XVII os exploradores das jazidas mais importantes de ouro pediram a Dom Pedro II de Portugal que lhes mandasse de lá homens práticos na arte de minerar, para lhes ensinar processos mais adiantados.

E no comêço do século seguinte chegaram os técnicos. E as lavras de ouro entraram numa fase de maior produção.

Na zona chamada então “do Rio das Mortes”, o principal núcleo de mineração era a pequena povoação de São João.

As vêzes, o ouro se encontrava de mistura com o cascalho, que, em camadas mais ou menos espêssas, jazia sob uma camada de terra vegetal ou húmus. E abaixo da camada de cascalho havia uma camada argilosa a que chamavam *piçarra*. Para se extrair o ouro, nesse terreno, era necessário proceder antes ao desmonte do húmus; em seguida retirava-se o cascalho, que era lavado para deixar o ouro em liberdade.

No fundo dos rios e riachos, que atravessavam os terrenos auríferos, encontrava-se a areia ou o cascalho já lavado, ou seja, livre de terra. Muitas vêzes nos terrenos de aluvião, à margem dos rios em que se formavam bancos de areia, o ouro era abundante. Nos taludes marginais, nas grupiaras, os faiscadores sem maior trabalho conseguiram resultado compensador. Muitas vêzes, porém, os filões de ouro atravessavam a rocha e o trabalho se tornava mais difícil. Outras vêzes, os veios se encontravam no subsolo a grande profundidade.

A Companhia do Morro Velho, que desde 1700 explora jazidas de ouro em Minas, começou o seu trabalho em São João del-Rei, foi depois para perto de Belo Horizonte, onde as escavações já atingem a centenas de metros de profundidade.

Além do processo mecânico, foi empregado o processo químico. O minério era tratado com mercúrio e

a amálgama obtida era submetida a nôvo processo para deixar o ouro em liberdade. Com o tempo apareceram as máquinas e novos e novos processos químicos.

Os faiscadores ou garimpeiros de hoje usam ainda todos os processos desde os mais primitivos até os mais aperfeiçoados, de acôrdo com os recursos de cada um.

Ainda hoje se vê algum rapaz de bateia na mão, à margem do Riacho do Lenheiro que atravessa a cidade de ponta a ponta, a lavar a areia aurífera do fundo dêsse riacho. Ou então das enxurradas, a recolher a areia das depressões e dos algares, para lavá-la e recolher as pepitas ou o ouro em pó.

Nos rios mais fundos, em alguns lugares, empregaram dragas para retirar o cascalho e a areia do fundo.

Nas curvas dos rios, a areia arrastada pela correnteza em parte se deposita na margem e ali se sedimenta, acompanhando a linha curva da corrente — é a coroa do rio. Aí o faiscador já encontra muito material acumulado para lavar.

Quando há necessidade de perseguir os filões através da rocha, o trabalho torna-se mais pesado. O minério extraído é pulverizado em pilões para depois ser lavado. Primitivamente, a fim de facilitar a precipitação do ouro, na ocasião da lavagem, ou cascalho, juntavam-lhe fôlhas maceradas de maracujá ou de jurubeba.

Muitas vêzes as povoações que nasciam junto às lavras e garimpos tinham vida efêmera. Explorando o material mais fácil, iam os faiscadores em demanda de outras paragens, onde o trabalho era mais compensador. São João teria tido a mesma sorte que muitas outras localidades tiveram, se interêsses outros não substituíssem a sêde de ouro. A mineração, depois de ter dado muita vida à povoação nascente, transferiu-se para o Morro Velho, perto de Sabará. Ficaram apenas em São João alguns faiscadores particulares.

A emprêsa poderosa, que se tranferiu, era estrangeira e conserva ainda o nome João del-Rei. Ainda se vêem os grandes cortes através da rocha nas “catas” abandonadas; a êsses cortes chamam “bêtas”.

O NATIVISMO

Com as notícias que se espalhavam sôbre as riquezas do solo de Minas Gerais iam afluindo, de vários pontos do país, os aventureiros. E assim se foi povoando o território central que, depois, devia formar a província de Minas. Na zona de *Caeté*, predominavam os baianos e na zona do Rio das Mortes predominavam os paulistas. Na zona dos baianos, os reinóis eram chamados *emboabas* e sofriam sérias hostilidades por parte dos brasileiros. Estes andavam muito indispostos com as autoridades portuguesas. Aos poucos o movimento de repulsa aos lusos foi espalhando-se e quase tôda a população de Minas ficou em pé de guerra. Os índios e os mamelucos estavam divididos. Os *emboabas* escolheram como chefe a Manuel Nunes Viana, homem de poucas letras, mas muito inteligente e detentor de grandes recursos. Os brasileiros paulistas e outros foram fortificando-se logo, no arraial de Sabará. Mas os índios, que se achavam do lado dos *emboabas*, atiraram em grande número setas incendiárias. O incêndio foi geral e os paulistas que não morreram trataram de fugir.

Do lado dos *emboabas* também houve muitas baixas, de modo que parte dos aliados ficou desanimada. Os reinóis, para levantar os ânimos, aclamaram rei a Manuel Nunes e o cerram de grande prestígio. Continuava êle submisso ao rei de Portugal, mas tratava-se apenas de armar ao efeito para reanimar a tropa.

A luta continuou com alternativas. Um dos chefes dos *emboabas*, Bento Coutinho, suscitou grande descontentamento entre seus comandados *emboabas*, por alguns atos de crueldade, levando sua gente à revolta. Foi o episódio do "*Capão da Traição*".

No Rio de Janeiro, Dom Fernando Mascarenhas, que era realmente a autoridade portuguesa, tratou de ir pessoalmente a Minas para apaziguar a população. Partiu êle do Rio a 3 de março de 1709, em demanda da região do Rio das Mortes. São João e outros núcleos de resistência contra os *emboabas*, nada cederam e Mascarenhas voltou para o Rio. Os *emboabas* mandaram pedir providências à Côrte de Portugal. Mascarenhas determinou seu mandato e foi substituído por Antônio Albu-

querque Coelho de Carvalho. Este nôvo chefe foi a Minas e conseguiu uma pacificação temporária. Manuel Viana retirou-se. Os paulistas organizaram-se na região do Rio das Mortes sob o comando de Amador Bueno da Veiga.

O governador mandou novas tropas contra os paulistas. Estas tropas esconderam-se na Ponta do Morro. Foram cercados pelos paulistas. O cêrco durou muitos dias. Estavam êles com vantagens, mas circulou entre êles boatos de que se aproximavam grandes fôrças em defesa dos emboabas. Os boatos eram tão alarmantes que os sitiante resolveram fugir, sem mais, para São Paulo. Grande surpresa: os emboabas vieram a saber que os paulistas tinham desaparecido. Assim terminou a "Guerra dos Emboabas".

O nativismo, que se ia intensificando na Capitania de Minas Gerais e teve na Guerra dos Emboabas eclosão tão violenta, não cessou com a conclusão das tréguas do "Capão do Mato". A atmosfera política estava saturada de independência. O ambiente hostil ao colonismo agravou-se com a independência dos Estados Unidos. Vários moços que foram fazer seus estudos na Europa vieram com os sentimentos de liberdade, que na França prepararam a célebre Revolução Francesa.

Em Minas, não era pouco o fermento separatista. Só se falava em certas rodas dos desmandos de algumas autoridades lusas, das imposições da Coroa, dos tributos vexatórios, da evasão de dezenas e dezenas de arráteis de ouro, cada ano para Portugal.

E o lêvedo do separatismo não atingia apenas as camadas mais humildes, que eram as mais soffedoras, em razão do tributo, mas também aos intellectuais. Na Inconfidência Mineira, a cúpula do movimento era constituída por literatos: Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. A êstes se juntaram outros homens cultos como o Cônego Luiz Vieira da Silva, Dr. Domingos V. Barbosa, Padre Miguel E. da Silva Mascarenhas, José Rezende Costa, pai e filho e muitos outros.

Tiradentes (Alferes Joaquim José da Silva Xavier), não era homem de cultura, mas muito inteligente e empreendedor.

A Capitania de Minas ainda não estava dividida em municípios, mas havia a divisão natural das regiões. A região do Rio das Mortes tinha em São João seu principal centro de vida cultural e política.

Alvarenga Peixoto um dos principais inconfidentes, poeta e advogado, natural do Rio de Janeiro, era Ouvidor da Comarca do Rio das Mortes. Morava perto de São João onde se encontrava freqüentemente. Casou-se com a são-joanense Bárbara Heliadora, senhora muito distinta que se tornou célebre na História da Inconfidência.

O Dr. Alves Maciel e Tiradentes conseguiram que o Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, comandante da tropa, entrasse na conjuração. A causa tornou-se assim fortemente amparada. Uma vez emancipada Minas da Metrópole portuguesa teria como capital São João del-Rei e a bandeira seria tôda branca com a legenda "Libertas quae sera tamen" (Liberdade ainda que tardia). A escravidão seria extinta ao menos em grande parte. Os planejadores da inconfidência já iam muito longe nos seus sonhos. A estrada que ia de São Paulo ao Rio de Janeiro devia ser guardada pelo comandante da Cavalaria de São João, Sargento-Mor Luiz Vaz de Toledo Piza. O Vigário de São João del-Rei, próxima de São João também entrou na conjuração.

Mas quando menos pensavam, um traidor denunciou a conjuração.

Resultado final: muitos presos e vários condenados à morte. Os condenados à morte tiveram depois a sentença comutada em degrêdo perpétuo pela Rainha de Portugal, à exceção de Tiradentes, que foi declarado indigno de clemência...

A 21 de abril de 1792 foi executado Tiradentes. Mostrou-se um bravo diante da morte e patenteou uma alma rica de fé. Quando o carrasco lhe vestiu a túnica branca dos condenados e lhe pôs a corda fatal no pescoço, pediu-lhe como era de praxe, que lhe perdoasse, pois estava cumprindo uma sentença. Tiradentes calmo disse-lhe:

"Oh! meu amigo, deixe-me beijar-lhe as mãos e os pés". O carrasco, apesar de acostumado a tão tristes cenas, não se conteve e chorou. E quando lhe tiraram

a camisa para que vestisse a túnica branca, disse Tiradentes:

“Também assim morreu Jesus... por mim.” E seguiu o cortejo sinistro até o local da fôrça. Tiradentes levava nas mãos um crucifixo; acompanhava-o um sacerdote. Este rezou com êle o “Creio em Deus Pai...” em voz alta.

E morreu como um mártir o herói da Inconfidência. Tiradentes nasceu em 1748, na Fazenda do Pombal, perto de São João del-Rei, foi executado no Rio de Janeiro, a 21 de abril de 1792.

PRIMEIROS ANOS

Descrito por alto o local em que nasceu Antônio José da Costa Machado e também a época em que viveu, podemos enquadrá-lo melhor no espaço e no tempo. Assim veremos melhor configurar-se êsse vulto admirável que irá crescendo aos nossos olhos, à medida que avançar na vida como gigante: *tamquam gigas ad currendam viam*.

Nasceu nosso biografado em São João del-Rei, no ano de 1834. Seu pai era da Ilha Terceira dos Açores. Sua mãe era sobrinha do Barão de Itambé, pertencente à ilustre família Texeira Leite. Pertencem a essa família alguns escritores como Dr. Emilio José Loureiro, Franklim de Almeida Magalhães, a ancila Domini (Hilda Leite Guimarães) o Dr. Alfredo Taunay, que foi diretor do Museu Ipiranga de São Paulo. Pelo lado paterno o Dr. Alfredo era filho do célebre Visconde de Taunay. Pelo lado materno é que tinha parentesco com o Padre Machado.

A vida do Padre Machado decorreu entre o primeiro e o quarto quartel do século passado. Nesse período da história de São João, a vida das diferentes cidades da província, excluído o movimento nativista, que não podia aflorar senão mui discretamente, era pacata e calma, não havia indústrias, a vida desportiva estava muito longe do exibicionismo de hoje. E a vida de família era uma realidade. A índole religiosa do povo encontrava nesse ambiente de calma o clima próprio para

medrar e exhibir a floração de virtudes cristãs, que, sem dúvida, formou o rico patrimônio da família são-joanense.

Na época em que viveu o Padre Machado, São João distinguia-se entre as cidades mineiras pelo espírito religioso dos seus habitantes. O culto religioso tinha ali seu esplendor. As funções da Semana Santa atraíam muitos católicos das cidades próximas, porque eram celebradas com grande pompa e piedade.

As igrejas são-joanenses, desde êsse tempo, são apreciadas pelos entendidos de arte sacra, como primores de arquitetura. Ao menos três ou quatro dos seus templos figuram entre os mais belos do Estado. E em tôdas se nota o asseio, o alinhio com que são cuidados. Parece que os encarregados de zelar pela conservação dêsses templos sagrados porfiam entre si, a fim de que a própria igreja ou capela se distinga pelo esmero e zêlo com que é cuidado.

A música sacra, que tanto concorre para a grandiosidade das funções do culto, conseguiu ótimos artistas que se esmeravam em tornar solenes os atos do culto. O Padre José Maria Xavier, musicista de muito merecimento, compôs belíssimas peças musicais que eram executadas pela orquestra com perícia. Primavam essas composições pelo melodioso dos acordes, unido à grandiosidade da inspiração. Essas composições seguiam o gosto da época. Quando vieram muito mais tarde as instruções de Roma que eliminavam das funções sagradas a música até então usada, em que havia muitas repetições e acordes que davam às composições certa tonalidade um tanto teatral, foi necessário modificar o repertório, até então em uso.

Isto não tira que o Padre Xavier seja sempre considerado um gênio musical de grande sensibilidade artística e de muita inspiração. Grandes compositores na Europa tiveram suas composições sacras banidas das funções litúrgicas, apesar de serem primorosas. Mas não correspondiam mais às exigências da Santa Sé, que teve, com muita razão, de evitar o grave inconveniente de certas composições que desviavam a atenção das funções religiosas, quando o fim da música, nas funções sagradas, deve ser precisamente o contrário, isto é, deve conciliar a atenção do rito sagrado, fomentar a piedade.

Era notável a formação religiosa da família são-joanense. Seu clero era talvez o mais numeroso da Diocese. E entre as cidades brasileiras São João é das que podem apresentar maior número de filhos consagrados ao serviço de Deus, como sacerdotes.

Os estudos primários e secundários Antônio José os fez em sua terra natal. Havia já nesse tempo colégios adiantados em São João, como o que era dirigido pelo professor Dalle. Gozava também de renome o colégio Duval, em que se faziam os preparativos para os cursos acadêmicos. Antônio José freqüentou com brilhantismo esses dois estabelecimentos de ensino. O professor Duval, diretor do colégio que tinha o seu nome, preparou o talentoso estudante para os cursos superiores de maneira que, apesar de muito moço, pode matricular-se na escola Militar do Rio de Janeiro. O professor Duval era inglês e cunhado de Antônio José.

Eis o nosso jovem na capital do Império, com as divisas militares, cursando com aproveitamento as aulas da Escola, mas o moço são-joanense não se sentia feliz. Percebia que não era aquela a carreira a que a Providência o chamava. Estranharam seus colegas e, mais ainda, os superiores, quando souberam que o aluno Antônio José não continuaria na carreira em que tudo estava a indicar iria brilhar e prestar bons serviços à Pátria. Sentia-se o estudante contrafeito e convenceu-se de que não era chamado para a carreira das armas.

Vamos encontrá-lo agora em São Paulo, matriculado na Faculdade de Direito. O currículo das aulas agradá-lhe. Perlustrava êle com facilidade os emaranhados caminhos do direito em que tantos talentos se perdem, reconhecendo a pequenez da inteligência humana para bem compreender o valor jurídico dos atos humanos, para impedir o conflito que tantas vezes coloca em campos opostos grandes talentos. Evidentemente, se a verdade brilhasse aos olhos dos estudiosos desses problemas jurídicos, a verdade os reuniria, não haveria divergências.

Mas quem dirá? Antônio sente-se novamente sem gosto pela carreira. Havia em seu coração algo que lhe dizia, muito em segredo, que não era êle chamado para as lides forenses, para as campanhas que os jurisconsultos, os advogados devem muitas vezes enfrentar. E para

que continuar, pensava êle, uma carreira, como peixe fora d'água? Ainda sou môço, talvez me sinta mais feliz noutro campo de atividades. Dito e feito.

Deslocou-se novamente para o Rio nosso inquieto estudante. Voltará para a Escola Militar? Não. Vai tentar a engenharia; matricula-se na Politécnica. A matemática agrada-lhe. Tinha a inteligência bem aparelhada. Havia feito bom curso básico e aprimorou sua cultura nas duas Escolas superiores que freqüentara. Prossegue brilhantemente até o quarto ano da Escola Politécnica. Mas... parece incrível: o coração do jovem engenheiro já não se sente bem, invade-lhe novamente na alma o desgosto pela carreira que encetara com tanto gôsto.

Convence-se de que a Providência o quer alhures. Entendeu que era por disposição do alto que, das profundezas de sua alma, subia à tona aquela onda de enfado, aquêles desgosto pela carreira que havia embalado seu coração de môço, fazendo-lhe sonhar venturas...

O SEMINARISTA

O irrequieto acadêmico não termina o curso, despede-se da escola.

E para onde vais?

— Para o seminário.

Ser ministro de Deus... agora é êste o sonho de Antônio José.

Seus colegas quartanistas da Politécnica caem das nuvens. E indagam: Mas é verdade que o Machado foi para o seminário! Arrepiar carreira, quando por mais um pouco estaria com o curso completo... Que idéia! Fazer-se padre.

Aquêles bravos môços não poderiam entender que um colega brilhante, como Antônio José, abandonasse uma carreira futura, para se meter no seminário.

Mas o pensamento do engenheiro desiludido divergia muito dos seus colegas. Iluminado pela luz da fé êle vislumbrou a felicidade na vida abnegada e sacrifi-

cada de um Ministro de Deus, que calque aos pés a glória efêmera das carreiras brilhantes e lucrativas que se lhe abriam no mundo. Ser Ministro do Altíssimo! Consagrar sua vida ao serviço do Rei dos Reis. Agora é êste o ideal dessa alma ardente. Os triunfos militares, a glória que lhe acenava de perto... na defesa da justiça como tribuno, como jurisconsulto... os trabalhos de engenharia, que em todo o imenso Brasil estão à espera de homens competentes... tudo enfim que passara por sua fantasia de adolescente, tudo desapareceu para dar lugar ao ideal do apostolado. Parte para Mariana (Minas) e se matricula no seminário. Era o ano de 1857.

Finalmente se aquietou o coração ardoroso dêste môço, estudante de vida, que tateava para agarrar a felicidade que lhe negaciara ora daqui, ora dali e sempre lhe fugia. Agora com ambas as mãos agarra e não a deixa mais fugir. Acertou finalmente com a sua vocação.

Quando em um mecanismo uma peça se acha deslocada, a marcha dêsse engenho é arrastada e penosa... há ruidos estridentes, há atritos, há engrenagens que rangem. Mas, quando se consegue fazer entrar a peça no seu lugar, tudo desaparece. O movimento é fácil e silencioso, o rendimento do trabalho é muito superior. Reina a paz e o bem-estar... Antônio José encontrou o seu lugar. Deu êle mil graças ao céu, por o ter livrado das armadilhas do século e pôde cantar com o salmista: "Nossa alma como o pássaro se livrou, deixando a armadilha desarmada..." (Salmo 123-6,7).

A alma que conta com o auxílio de Deus não teme os inimigos, pois o Senhor despedaçará o arco, quebrará as armas e porá fogo nos escudos (Sl. 45-9). Antônio José tinha a sensação de se ter libertado de um cativeiro. Seus colegas diziam que havia se metido em uma prisão. Êle, ao invés, tinha a impressão de ter fugido de uma prisão para o reino da liberdade e da paz.

O desassossêgo que atormentava a alma do jovem Antônio José e não lhe permitiu que continuasse o curso nas Escolas Superiores do século, era a vocação sacerdotal. Eram as vozes do alto que lhe segredavam ao ouvido o divino convite: "Vem, segue-me".

"Ser ministro do Altíssimo, sopesar em minhas mãos o Criador dos mundos. Transformar com minhas pala-

bras o pão material e grosseiro no pão que vive, que pensa, que quer, que tudo sabe, que tudo pode. Continuar a obra da Redenção da humanidade, oferecer o mais sublime dos holocaustos, elevando ao céu a vítima divina, levar a palavra de Deus aos irmãos desviados do caminho da salvação. Traçar sobre as almas a cruz da absolvição, livrando-as dos grilhões do pecado... Dar a mão aos agonizantes para levá-los das praias deste mundo para as praias do eterno porto... Quantas maravilhas da vida sacerdotal.”

Na sua Encíclica “Ad Catholice Sacerdotii” escreve Pio XII: “O sacerdote é ministro de Jesus Cristo; é portanto instrumento nas mãos do Divino Redentor para a continuação de sua obra redentora, em toda a sua mundial universalidade e divina eficácia, para a continuação daquela obra admirável que transformou o mundo; antes, como se costuma dizer, com razão, o sacerdote é na verdade “alter Christus”, porque prolonga em certo modo, o próprio Jesus Cristo. O homem revestido do sacerdócio, participa da eternidade, para assim dizer, pois seu sacerdócio é segundo a ordem de Melquisedeque “neque initium dierum neque finem vitae habens.” (Hb 7, 3). Todas essas grandes idéias rolavam pela mente do jovem seminarista e ele se sentia empolgado.

Muito bem dizia o Cura d’Ars: “Quando virdes um sacerdote, pensai em Jesus Cristo. Se houvesse fé, ver-se-ia Deus escondido no sacerdote, como se vê uma luz atrás de um cristal.” (Cat. sobre o Padre).

O SEMINARIO

Pela metade do século passado, época em que o nosso Antônio José fez seus estudos eclesiásticos, eram poucos os seminários do Brasil. O de Mariana era sem dúvida, dos mais importantes. Tinha a dirigi-lo os padres da Congregação da Missão, ou Padres Lazaristas. Alguns Sacerdotes-Seculares ou diocesanos completavam o corpo docente dos congregados.

— O Padre Antônio Ferreira Viçoso, sacerdote Lazarista de nacionalidade portuguesa, dirigia o seminário. Era um sacerdote de grande virtude. E trata-se do processo

de sua canonização. Como Bispo da Diocese de Mariana, vastíssima nesse tempo, Dom Viçoso se notabilizou pelo seu zêlo apostólico. Homens de valor excepcional, quer do clero regular, quer do clero diocesano, formaram muitas turmas de zelosos sacerdotes e deram àquele educandário eclesiástico, grande renome. Por algum tempo, nossos seminários acolheram também moços destinados a outras carreiras, pois, escasseavam no Brasil estabelecimentos de curso secundário.

Quando se tratava porém dos cursos superiores de Filosofia e Teologia, então só eram admitidos os destinados ao sacerdócio. Mas no seminário menor, fizeram seus preparatórios estudantes que mais tarde se tornaram notáveis em diferentes postos elevados nos diversos setores sociais. No clero, muitos foram os sacerdotes formados em Mariana, que honraram o estabelecimento em que fizeram seus estudos eclesiásticos. Para não sermos longos, mencionaremos apenas três ou quatro, entre os que estudaram em Mariana, nesta quadra áurea do conceituado seminário.

Pe. João A. dos Santos, que mais tarde foi Bispo de Diamantina, por muitos anos.

Pe. Luís Antônio dos Santos, que foi o primeiro Bispo do Ceará, e depois Arcebispo da Bahia.

Padre Pedro Maira Lacerda, que foi Bispo do Rio de Janeiro.

Padre Silvério Gomes Pimenta, que foi Bispo e depois Arcebispo de Mariana. No ambiente do Seminário, o jovem estudante encontrou a paz de sua alma. Em contato com os espíritos elevados dos seus dignos Superiores e, privando com colegas chamados por Deus para elevadas posições no governo da Igreja, deve êle ter sentido a felicidade da vocação com que foi distinguido por Deus.

O salmista cantava: "Senhor vós sois a minha luz e a minha salvação, quem me pode intimidar? Uma coisa pedi a Deus e continuarei a pedir: que eu possa viver na casa de meu Senhor, todos os dias de minha vida." (Sl. 26) — Que direi ao Senhor, em retribuição por tudo quanto Ele me concedeu? Vós rompestes os grilhões que me prendiam... eu vos oferecerei o sacrificio do louvor e invocarei o nome do Senhor (Salmo 115).

Uma vez ambientado o Seminarista Antônio José, sua alma, julgando nós se desafogava como a do salmista em expansões de gratidão para com Deus, que o havia retirado em tempo, introduzindo-o no jardim fechado do seminário, fechadas as ilusões terrenas, as ambições que tirânicamente dominam a tantos moços. “Então nossos lábios transbordaram encantos e nossa língua vibrou de júbilo” (Sl. 125).

O SACERDÓCIO

Nosso seminarista já entrou no Seminário com a mentalidade muito desenvolvida. Sabia muito bem o que estava fazendo e quais eram as responsabilidades da nova carreira que se propunha. O Sacerdote, segregado por Deus no meio dos homens, está em contato contínuo com o sobrenatural. Por sua alma passa a cada momento uma série de mistérios profundos, que lhe envolvem e penetram a vida toda. Ele manuseia, constantemente o sobrenatural.

São Pio X, na Encíclica *Haerent animo*, condena a doutrina que faz consistir a santidade do sacerdote, em sacrificar-se pelos outros, sem atender a suas virtudes pessoais. Diz o Soberano Pontífice: “Essa doutrina é admiravelmente falaz e perniciosa.” E sobre ela assim se expressa, com a sua paciência de costume, nosso predecessor de feliz memória Leão XIII: (E. TestenBen. ao Arc. De Balt. 22-1-1899): “A doutrina de que as virtudes cristãs não sejam oportunas em todos os tempos, só pode entrar na mente de quem se esqueceu da palavra do Apóstolo: Aquêles que Ele preveniu, os predestinou também a se tornarem conforme a imagem de seu Filho (Rom. 8-29). Cristo é nosso Mestre e exemplar de toda a forma de santidade e com êsse exemplo se devem conformar todos os que desejam o reino do céu. Ora, Cristo não muda com o perpassar dos séculos, mas é o mesmo “ontem e hoje” e também pelos séculos (Heb. 13-8).

Imbuído dessa convicção, o ardoroso seminarista tratou de forrar sua alma de virtudes sólidas, para que depois, transfundindo de seu coração a caridade, con-

tinuasse no seu íntimo, repleto das riquezas do Espírito Santo. Sabia êle que o recipiente vazio não pode comunicar o que não tem. Encha-se antes e depois transborde as riquezas de que se locupletou. Esse é o proceder dos verdadeiros apóstolos.

Não faltavam no Seminário, modelos a imitar, nem estímulos que lhe facilitassem o empenho em adquirir as virtudes indispensáveis aos ministros do Senhor. E de sua parte tampouco faltava o desejo de se aparelhar para as lutas gloriosas, pela glória do Rei a que decidira servir mais de perto. Ia pois o jovem seminarista cursando, com muito gosto e aproveitamento, tanto nos estudos como na vida espiritual, o curso eclesiástico. Os Lazaristas dispunham de bons professores. Dêsse educandário, saíram como dissemos, homens formados de grande valor e sacerdotes muito distintos, que prestaram grandes serviços à Santa Igreja, na sociedade civil e na eclesiástica. Os estudos sérios que se faziam, a vida de piedade que se cultivava no seminário formaram notabilidades que se distinguiram pelo saber e pela virtude. Mas com o nosso Antônio, só deu-se um contratempo. Uma epidemia penetrou no seminário. Constatou-se que se tratava de varíola, posteriormente se propalou que não era varíola mas sim de surto de polínecrie. Vários alunos foram atacados e, entre êles o Nosso Antônio José. Foi êle então completar seus estudos no seminário do Rio de Janeiro, onde se ordenou, em 1860, com 24 anos de idade.

O Dr. Sebastião de Oliveira Cintra registra nas "Efemérides" de São João del-Rei: 18 de janeiro de 1860 — Francisca de Paula Magalhães Machado... assina escritura de constituição de patrimônio... em favor de seu filho Antônio José da Costa Machado, a fim de que o mesmo pudesse receber Ordens Sacras. A doadora reside à Rua da Conceição, conhecida por Rua do Matola. Era de Cr\$ 800,00 o valor do patrimônio e consistia em parte da chácara. A chácara e moradas de casas foram vendidas em 11-4-1862... D. Francisca de Paula faleceu em 1861.

Ei-lo sacerdote do Altíssimo. Foi cantar sua primeira Missa na terra natal, aos 8 de dezembro dêsse ano, na Igreja de São Francisco de Assis. Ainda não

tinha sido proclamado o Dogma da Imaculada Conceição, o que só se deu quatro anos depois, mas já se celebrava as glórias da Imaculada Conceição e seu culto estava espalhado por todo o Brasil. Depois de ordenado, exerceu por algum tempo o ministério e o magistério em Petrópolis, onde dirigiu um colégio. Também em Minas dirigiu um colégio em São Vicente Ferrer e outro no Turvo. Lecionou também em São João e em Congonhas do Campo .

Na sua vida sacerdotal, procurou o Padre Machado cultivar, com amor, as virtudes próprias dos Ministros de Deus. Os simples cristãos, diz São Paulo, devem tornar-se santos e imaculados, segundo a imagem do Filho de Deus, o Salvador. (Rom. 8-29). Que dizer então dos sacerdotes; tratou pois nosso bom padre de viver plenamente seu sacerdócio. Voltou de vez as costas às glórias terrenas e cuidou das futuras, que a fé lhe apontava. Entendeu muito bem a palavra do apóstolo: “Nossa permanência aqui na Terra não é duradoura; demandamos a vida futura”. (Eph. 13,14).

Abismava-se êle no pensamento do imenso poder que Deus concentrara em suas mãos. Era detentor das chaves do céu e dêle se podia dizer o que foi dito de Cristo: “Êle abre e ninguém fecha; êle fecha e ninguém abre”. (Apocal. III-7).

Nutria êle grande fé, em sua alma de apóstolo, e a fé lhe animava o zêlo, pois é sabido que “sem fé é impossível agradar a Deus”. (Hebr. II-6).

Deu-se a pregação apóstolica, procurando levar a fé às almas, não só pela palavra que lhe fluía dos lábios fácil, erudita e ardente, mas também pela penitência. Veremos adiante como realmente todo se dava à prática da penitência. No momento, basta dizer que para levar a palavra de Deus às almas, fazia longas caminhadas às localidades mesmo distantes, a pé e descalço. Depois teve de mudar de sistema, porque seus pés inflamados lhe impediam cumprir o dever. Recebeu de Pio IX o título de Missionário Apostólico. Por pouco tempo foi Vigário de São João del-Rei e por vários anos, até o fim da vida, exerceu o paroquiato em São João del-Rei.

Dividia o bom Padre seu tempo entre os trabalhos paroquiais, as obras de caridade, a oração e o estudo.

Tinha uma boa biblioteca e era estudioso. Procurava enriquecer-se de conhecimentos, pois sabia que a ciência é indispensável ao sacerdote. Diz a Sagrada Escritura que são inúteis os homens desprovidos da ciência de Deus (Sap. XIII-I).

Ao sacerdote a ignorância causa imenso prejuízo e, por meio dêle, a muitas almas. São Pio X dizia que a ignorância religiosa é um segundo pecado original. Cuidava por isso nosso bom Padre não só da sua cultura pessoal, mas procurava com grande zelo pregar os ensinamentos de Jesus Cristo.

Procurou êle adotar, para seu uso, o programa de São Pedro, a saber: “Agora, esforçando-vos o mais possível, juntaís à vossa fé a virtude, à virtude a ciência, à ciência a temperança, à temperança a paciência, à paciência a piedade, à piedade o amor, e ao amor fraterno a caridade (II Petr. I-5,7).

VIDA DE PIEDADE

Certa vez, disse o Padre Machado: “Quando eu morrer, levo um só pesar: de deixar os meus livros e a Imagem do meu Menino Jesus.”

Duas devoções realmente aparecem em sua vida, sob especial destaque: a devoção ao Menino Deus e a Nossa Senhora do Carmo. A Gruta de Belém, o Calvário e o Altar, ou seja Jesus Menino, Jesus Crucificado e Jesus Eucaristia, constituem três esplêndidas manifestações do amor de Deus para com os homens. Essa tríplice e magnífica eclosão da Misericórdia Divina formava um encanto para a alma sensível e esclarecida do fervoroso sacerdote.

A devoção a Nossa Senhora do Carmo era inseparável da vida do sacerdote. Ela, Regina Apostolorum, constitui para o bom Padre o refúgio seguro de que êle sempre necessita nas lutas em que se empenha, para levar a cabo sua missão, que se pode chamar divina. Na Igreja de Nossa Senhora do Carmo de São João, por muito tempo e com admirável dedicação, Padre Machado prestou seus serviços ministeriais.

Deixou escrito Santo Afonso de Ligório: “Sem a devoção a Maria, é normalmente impossível que um sacerdote seja bom sacerdote... Nós, sacerdotes, devemos estar sempre aos pés de Maria, a implorar o seu socorro.” (Sel. Vol. II).

É evidente que a invocação, sob a qual cultuamos a Mãe de Deus, é cousa secundária, mas nada impede que tenhamos mais facilidade de concentrar nossos afetos contemplando a Virgem Santa sob determinado prisma. É justificável nosso pendor por invocá-la mais sob este título do que sob os demais. Se a imagem da Virgem que tínhamos diante dos olhos nos dias em que nossa mãe nos falava da bondade da Mãe de Jesus, ficou mais profundamente gravada em nossa alma, é natural que aquela invocação, de modo especial, nos entorneça e nos desperte a confiança.

Não descurava o Padre Machado a conservação de sua vida interior, entre as múltiplas atividades do seu paroquiato. Estava bem convencido de que o afã apostólico de modo algum deve impedir, antes supõe a vida de fé, da fé que lhe dinamizava o zelo. “O espírito vivifica”, diz o Evangelista (João, 6-64).

Só assim pode o padre realizar em sua vida o que escreveu São Lucas: “...Sirvamos a êle (Deus) em santidade e justiça, todos os dias de nossa vida.” (Luc. I, 74-75).

O Padre Machado se compenetrava de sua grande missão de sacrificador. Preparava-se com empenho para oferecer a grande Vítima, em favor das almas pecadoras. Lembrava-lhe o Apóstolo: “Todo Pontífice, que emergiu do meio dos homens, é constituído de acôrdo com as determinações divinas, para oferecer as oferendas e os sacrifícios pelos pecados.” (Hebr. 5-1).

Conhecia o bom Padre o imenso valor do sacrifício que, por bondade divina, lhe era dado oferecer cada dia. Tinha, porventura, presente o que escrevera S. Leonardo do Pôrto Maurício: “Pela Missa oferecemos a Deus em certa maneira, algo mais do que Êle nos deu. Com efeito, uma só vez o Pai Eterno nos deu seu Divino Filho, no Mistério da Encarnação, ao passo que nós Lhe

restituímos o Filho, inúmeras vêzes, nas Missas que a cada instante se oferecem nos diferentes pontos da terra.” (II Tes. Nasc.).

Nos seus últimos dias, já no leito de morte, pedia êle aos amigos e especialmente aos sacerdotes presentes que mantivessem a devoção aos Corações de Jesus e Maria.

O SAGRADO MINISTÉRIO

Vivia o Padre Machado para o seu Deus. Na sua grande fé êle sentia a majestade do sacerdócio que o revestia. Nas suas meditações, diante de Jesus Sacramentado, êle se perdia na profundidade dêsse abismo... Eu, detentor do poder imenso de Ministro de Deus!...

O jovem sacerdote olhava para suas mãos recentemente sagradas e pensava: minhas mãos, minhas pobres mãos a elevarem aos céus a Vítima Divina!... o Deus que criou o céu e a terra...

Minha voz, minha pobre voz, vai transformar o pão grosseiro em pão inteligente, Pão que ama, Pão que age, Pão onipotente, de sabedoria infinita, perfeitíssima... Pão Divino...

Senhor, quem sou para realizar tantas maravilhas? Quem sou eu para abrir as portas do céu aos pecadores? Quem sou eu para inundar as almas da graça que salva para a vida eterna?... E o jovem levita se desfazia em agradecimentos ao Deus de bondade infinita que o havia distinguido com tão grandes mercês.

Quando o sacerdote do Antigo Testamento depositava a vítima sôbre o altar e via descer o fogo do céu, como se fôra a mão de Deus que se estendia para recolher a vítima, êle e todo o povo se sentia tomado de assombro. Que dignação do Senhor, em fazer do pobre homem instrumento de tão sublime mistério! Sobretudo na Nova Lei.

“Todo o Pontífice segregado dos homens é constituído no que refere a Deus, em favor dos homens, para apresentar oferendas e oferecer sacrifícios pelos pecados.” (Hebr. 5,1).

...E disse o Senhor: "Fazei isto em memória de mim." E por ordem de Deus, vai o pobre homem exercer esta função sacrificial, para a qual os mesmos anjos se acham indignos.

O jovem sacerdote passa em resenha as diferentes incumbências, tôdas elevadíssimas, próprias de seu ministério. Já no Antigo Testamento, os sacerdotes eram descritos como pastôres (Ez. 34, 23), como pescadores (Jer. 16, 1), como caçadores (Ibd.). Na Nova Lei é chamado pescador de homens (Mc. 1, 17), pastor (1 Ped. 5, 2-4), embaixador de Deus (2 Cor. 5, 20), são colaboradores de Deus (1 Cor. 3, 9), oradores (1 Cor. 9, 10), semeadores (Mc. 4, 14), pregadores (Jo. 4, 38), *Alter Christus*.

A cada um dêstes títulos, corresponde uma missão, e missão sublime.

Cada uma destas incumbências, tão elevadas, despertava em sua alma apostólica, o fogo sagrado do zêlo, em que se ia consumir sua vida. Sentia êle que o sacerdote devia ser um propulsor da vida espiritual; um dínamo sobrenatural que produz e alimenta as energias das almas empenhadas nas emprêsas da salvação.

Segundo o Evangelista São Lucas, Jesus passava a noite rezando; e no céu êle está sempre a interceder por nós (Heb. 7, 25). E o Ministro de Deus neste mundo deve também oferecer a Deus o sacrificio de louvor (Sl. 44, 14), e impetrar os favores do céu em favor das almas. Nosso bom Padre, compenetrado de sua alta missão, dava-se com ardor à oração.

O PREGADOR

A pregação da palavra de Deus constituiu para o Padre Machado magnífico apostolado. São Paulo põe de sobreaviso o pregador, para que não se perca a palavra sagrada por culpa do mau semeador. Diz êle: "Não sejamos como tantos outros que adulteraram a palavra de Deus. Devemos pregá-la como ela é, como provém de Deus, e diante de Deus, de Jesus Cristo." Era êle um pregador apostólico, pois pregava a Cristo, e Cristo crucificado. Conhecia o bom padre que "a fé entra pelos ouvidos..." e por isso sentia necessidade de pregar.

Era a caridade que o compelia: “A caridade de Cristo nos compele.”

Aos ouvidos do jovem sacerdote ressoam as palavras do Divino Mestre: “Saí pelo mundo e pregai a tôdas as gentes...” (Mt 28). Sentia êle que, como mediador entre Deus e as almas, devia fazer por elas o que pudesse. E de um grande meio êle podia dispor: a pregação.

“Está entre Deus e a Humanidade. Por um lado nos alcança os benefícios do Senhor; por outro lhe apresenta nossas orações, e nos reconcilia com êle, quando o ofendemos.” Assim se expressa São João Crisóstomo (Hom. 5 in Is.).

O venerável Olier deixou escrito: “Os padres nesta terra são como outros tantos Jesus Cristo ressuscitados, vivendo em forma humana. Um sacerdote, quanto ao espírito e quanto ao exercício do ministério, é Jesus Cristo, na figura exterior de homem. Os sacerdotes são prodígios.”

O Padre Machado, homem de estudo e de meditação, conhecia esta literatura ascética, em que copiosamente se trata da sublimidade da instituição divina do sacerdócio.

Para ser um bom dispensador da palavra de Deus não lhe careciam recursos. Dispunha de sólida cultura, de boa voz, zêlo ardente, linguagem fluente e escorreita. Fácil lhe era, pois, empolgar os ouvintes. Abrihantava as festas religiosas com a sua eloquência, sem esquecer que o orador-sacro deve conquistar almas para Deus, e não admiradores que o aplaudam.

Contam seus contemporâneos, que certa vez foi pregar em Petrópolis, por ocasião de uma grande solenidade. O Imperador Dom Pedro II, que sempre ia a Petrópolis, quis ouvir o orador, que já gozava de grande fama. Depois da função foi apresentar parabéns ao Padre Machado, que nesta época, tinha perdido os dentes incisivos superiores. No meio da conversa o Imperador, familiarmente disse ao orador: “Padre Machado, apreciei muito o seu sermão; mas permita-me uma sugestão.” — “Pois não, Majestade”. — “Se V. Revma. colocasse os dentes da frente, seria ainda melhor sua oração.” — “Obrigado, Majestade, mas talvez fôsse pior.” — “Mas, como assim, Padre Machado? Não é possível.” — “Vossa Majestade

sabe muito bem que o machado, tendo muitos dentes, faz muito barulho, mas corta pouco...”

E o bom padre fazia da sua palavra um instrumento para dispensar as misericórdias de Deus. E quando era necessário falar, não se deixava prender por vãos temores, pois bem sabia que “*verbum Dei mon est alligatum*” — “a palavra de Deus é livre”.

E São João Evangelista escreve: ... “Seremos na verdade seus discípulos e conheceremos a verdade e a verdade nos tornará livres.” (Jo 8, 31).

O Exmo. Sr. Bispo de Mariana, diocese a que pertencia a Paróquia de São João del-Rei, dedicava grande amizade ao Padre Machado. Quis que êle fizesse parte do Cabido Diocesano, e o nomeou Cônego. Os são-joanenses, porém, continuam a chamar-lhe “Padre Machado”, pois achavam êsse tratamento mais carinhoso e julgavam que assentava melhor na simplicidade do seu vigário. Era realmente muito simples o Padre Machado e muito desprendido das honorificências.

Já êle entendia o que muito mais tarde escreveu Pio XII, na exortação ao clero, de 25 de setembro de 1950, lembrando aos sacerdotes as palavras de São Paulo, que os exorta a renunciarem a tudo quanto é do mundo, para cuidarem somente do que é do Senhor (1 Cor 7, 32-33).

O PENITENTE

O ilustre pároco de São João del-Rei era sincero imitador dos grandes penitentes, que seguiram caminhos diametralmente opostos ao dos gozadores da vida. Êstes só têm uma preocupação: fruir de todos os prazeres que lhes estejam ao alcance da mão e fugir sempre que fôr possível, das cruzes do caminho. Para êstes a vida deveria ser um parque de diversões.

Outra é a Escola do Salvador. Outra é a Doutrina da Igreja. Outro é o exemplo dos santos. Outra foi a vida sacerdotal do Padre Machado. Realmente o nosso bom padre tinha concepção diferente da finalidade do

homem, porque não perdia de vista o Calvário, em cujo cimo se erguia a cátedra da ciência do sofrimento. Preferia por isso, o caminho íngreme e escabroso, à estrada larga e plana. Os que só procuram rosas sentem as pontas agressivas dos espinhos e os que abraçam os espinhos, vêem com surpresa que êles desabrocham em flôres.

São Pedro, na sua primeira Epístola, escreve: “Também vós deveis ser santos, em tôdas as vossas ações, pois está escrito: sêde santos, porque eu sou santo.”

Esta recomendação do apóstolo levou o bom padre, já tão amante da penitência, a tornar sua vida cada vez mais semelhante à do divino modelo. Tornou-se então um grande amigo da cruz. A penitência se tornou elemento integrante de sua vida, mesmo porque sofria com os seus paroquianos que sofriam: “Quis infirmatur et ego non infirmor?” (2 Cor 2, 29).

Em sua alma voltada para o céu, deviam ressoar as consoladoras palavras de Jesus aos que sofrem com êle na terra: “Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do reino que preparei para vós desde o princípio do mundo.” A casa paroquial desconhecia o conforto das ricas vivendas e sua mesa era frugal. Ultrapassava as penitências prescritas. Sequioso de padecer por amor daquele que por amor morreu. Fêz voto de não comer carne. E o manteve por vinte anos, ou seja, até o fim da vida. Quis fazer longas caminhadas descalço, em espírito de penitência e só desistiu quando se viu com os pés inflamados e, assim, impedido de cumprir seus deveres, como dissemos atrás.

Mas perguntarão: Por que era êle assim tão austero para consigo? É porque êle dava todo o valor à pureza de sua alma sacerdotal. Eu preferi (digamos a pureza — no nosso caso) aos reinos e troncos da terra e, em confronto com ela, nenhum valor dei às riquezas.

Para conservar êsse tesouro, êle se cercou das asperezas da penitência.

Quando no fim de sua carreira mortal, quis desempenhar os deveres do bom Pastor, seu amor à Penitência o levou ao sacrificio da vida.

O BOM AMIGO

Diz o Eclesiástico: “Feliz daquele que encontrou um bom amigo e que discorre sôbre assuntos de perfeição a êsses ouvidos que lhe prestam atenção.”

O Padre Machado tinha muitos amigos, mas privavam de modo especial com êle, alguns humildes e ótimos cristãos, em sua mesma residência. Diz o brocardo: “Quem à boa árvore se chega, boa sombra o colhe.” Alguns paroquianos humildes, mas desejosos de vidas mais perfeitas, procuravam o bom padre, que se lhes tornou mestre de santidade. Assim foram acolhidos, na casa paroquial, João Feliciano e Joaquim Honório dos Santos.

Eram ambos vicentinos, homens ricos de fé, modestos operários que formavam com o vigário, edificante comunidade. Eram os dois operários fabricantes de calçados e mais tarde abriram, de sociedade, uma pequena fábrica, da qual tiravam a subsistência para as suas famílias.

De Joaquim Honório dos Santos, contam-se edificantes exemplos. Era na verdade, uma alma privilegiada, rica de virtudes. Na casa paroquial, o ambiente era realmente de santidade e aquela vida comunitária talvez não ficasse aquém da vida dos conventos mais observantes. Era um ambiente de virtude; respirava-se aí o clima dos antigos cenóbios, recantos sobrenaturais do mais puro Cristianismo. Evidentemente, aí reinava a mais doce paz, pois a justiça aí pontificava e a paz é fruto da justiça. — “Opus justitiae pax.” (Is 32, 17).

Joaquim Honório dos Santos, que desde môço se distinguia por sua piedade e demais virtudes, na convivência com o Padre Machado fêz grandes progressos espirituais, e amadureceu a tendência que tinha de se retirar do mundo, para professar em alguma congregação religiosa. Ali, naquele modesto presbitério, o vigário e seus dois companheiros praticavam a pobreza voluntária. Com efeito, o vigário havia feito voto de pobreza, e além disso era mão aberta e se tornou o pai da pobreza. Os dois leigos, humildes artífices, mourejavam para o granjeio da subsistência das suas famílias.

Quando faleceu o Padre Machado, Joaquim Honório sentiu imensamente a perda do amigo incomparável e seu guia espiritual. Consolidou-se então em sua alma a idéia de se fazer religioso. Preparou-se para realizar o seu sonho. Com suas economias comprou uma pequena casa para seus velhos pais, aos quais consagrava grande amizade e gratidão. Seu progenitor, pedreiro de profissão, sua mãe, que confeccionava rendas, suas irmãs, com trabalhos domésticos, tendo casa para morar, mantinham modestamente a família.

Joaquim Honório dos Santos teve conhecimento, provavelmente através do próprio Padre Machado, da fundação da Congregação Salesiana, que Dom Bosco fundara em Turim e se estava espalhando por todo o mundo. O Colégio Santa Rosa em Niterói, que os Salesianos fundaram, se foi tornando conhecido pelas leituras Católicas, e pelo Boletim Salesiano. Nesse colégio, Joaquim se preparou e fez sua profissão como religioso coadjutor, ou seja, como irmão leigo. Ele que já era amante da Penitência, na escola do Padre Machado se tornou admirável por seu espírito de mortificação. Ao fechar os olhos seu santo amigo e pároco, quis êle herdar-lhe o cilício. Em Niterói, Joaquim Honório foi religioso exemplar e morreu santamente, muito estimado por seus irmãos salesianos, e muito venerado (é o termo verdadeiro) pelo bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda. Este ilustre prelado, ao expirar, invocava a proteção do irmão Joaquim (já então falecido), com a maior confiança.

CORAÇÃO SACERDOTAL

Nutria nosso bom padre o fervor de sua alma na prática das virtudes, valendo-se da piedade, a qual põe a alma em contato com o seu Deus. Em certa maneira a piedade nos reveste *dk Ikder* e da *sabedkrja* de Deus. Pio XII na exortação ao clero (23 de setembro de 1950) assim se expressa: "São Paulo estabelece, como principal fundamento da perfeição cristã, o preceito: — revestidos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O Padre Machado pela oração procurava apoderar-se das virtudes do Divino Mestre. Procurava imitar o Divino Modêlo e se foi desprendendo, mais e mais, de tudo quando era conforto. E *pari passu*, crescia sua caridade para com os pobres. São Paulo era o seu mestre: Exercita-te na piedade... a piedade é útil para tudo, pois tem consigo as promessas da vida presente e da vida futura". (Tim. 4-6, 16).

O nosso bom padre pairava acima das ambições terrenas. Os bens materiais que a tantos escraviza, a êle não lograram escravizar. Como professor, como diretor de colégio, como pregador, como pároco, êle poderia reunir pingue pecúlio. Possíveis enfermidades, a velhice que se aproximava poderiam levá-lo a amalhar alguma coisa para o futuro. Gostava de recordar a palavra do Senhor: "Buscai antes o reino de Deus e sua justiça, o mais se vos dará como acréscimo.

Tendo êle o alimento e a indumentária achava que deveria estar satisfeito. Sua vida não era apenas extreme de todo o luxo, mas o conforto mais mezinho, que por vêzes aos mesmos pobres não falece, procurava êle cancelar do seu regime de vida mortificada. Entendia êle que o ministro de um Rei, cujo trono foi a cruz e cuja indumentária foi a púrpura do próprio sangue, não se devia revestelar nas poltronas da vida cômoda.

Seus comensais podiam atestar quão profundo era o espirito de sacrificio do bom padre. Dizia-se que por amor à penitência nunca usava travesseiro para dormir. Não lhe bastavam os espinhos inseparáveis daqueles que querem cumprir com exatidão os próprios deveres, sobretudo em se tratando de deveres tão delicados como os de um pastor de almas. Fazia questão de lhes juntar novos sacrificios, lembrado por ventura do que dissera o Filho de Deus: "As rapôças têm seus covis, as aves têm seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça. (Mt. 8,20). E nosso bom padre sabia entender essa linguagem do Amor Sacrificado.

Todos sabem que em nossos dias, o trabalho dos párocos é exaustivo, em nossa terra, especialmente porque escasseiam os braços para a vinha do Senhor. Na Europa, em muitas dioceses, quando um pároco deve se ocupar de mil almas, o tempo já lhe parece insuficiente

para o desempenho dos seus deveres; entre nós o pároco deve cuidar de quarenta, cinqüenta e mais de milhares de paroquianos e muitas vezes sem auxiliares. Acresce que, dada a grande extensão territorial das paróquias, muitas vezes é grande a dispersão das habitações, o que sobremodo dificulta o trabalho do pastor dêste rebanho disperso.

Em São João, nesta época, não havia padres regulares. Eram todos diocesanos, e a extensão do território da paróquia, constitui hoje o território de meia dúzia de paróquias.

Pároco zeloso, como era nosso bom padre, sentia gravitar em sua alma o pêso de gente responsabilidade.

Urgia com êle o imperativo do dever; ouvia a voz da consciência que lhe pedia generosos sacrifícios em favor de tantas almas necessitadas de instrução religiosa, de fé, dos sacramentos, de mil desvelos.

Pergunta-se como podia o bom padre suportar tantos sacrifícios e conservar a paz e a alegria que o tornavam tão acessível? Responde-se que êle tinha todos os espinhos da sua austeridade voltados para dentro. Exteriormente era todo brandura e suavidade, porque aprendera na escola do Divino Mestre a paciência e a afabilidade. E sofria corajosamente os rigores da sua austeridade, porque encontrava em Deus a compensação abundante e generosa, que nunca mingua no serviço do Senhor. Disse Jesus: "...tomai sôbre vós o meu jugo, pois minha carga é suave e meu pêso é leve."

Os penitentes mais austeros tinham por vezes o coração transbordante de consolações. Aquêlê amor pelo qual os penitentes se maceram, dá-lhes a beber o cálice dos mais puros dulçores.

São Paulo nos exorta a viver, na temperança, na justiça e na piedade — "sobrie, juste et pie vivamus". E êsse programa, resumido em três advérbios, dava-lhe força e coragem para subir a encosta de seu Calvário voluntário. Assim também ao nosso padre.

O despreendimento do Padre Machado se estendia também às honras e dignidades, às quais se furtava. Diz um seu sobrinho que Dom Pedro II "reiteradas vezes" o convidou para bispo do Rio de Janeiro, e que êle sempre se esquivou.

Conta-se que lhe sendo propostas colocações honrosas, êle agradeceu dizendo que seu maior sonho já estava realizado, que era o de ser pastor das almas na cidade de seu nascimento.

O Dr. Emílio José Loureiro, sobrinho do Padre Machado atesta o despreendimento realmente admirável do bom padre. E o jornalista Sebastião de Oliveira Cintra, citando êste depoimento, acrescenta: “Pois bem, o inventário do Cônego Machado, existente no museu do patrimônio histórico e artístico nacional desta cidade, comprova a assertiva. Diz o Dr. Loureiro: “O Cônego deixou poucos bens e muitas dívidas, das quais podemos mencionar as declarações documentadas de professôres que se habilitaram para o recebimento dos proventos de magistério. “As dívidas se referem ao tempo em que êle dirigiu diferentes colégios. Cuidava com grande empenho da educação dos alunos, mas como administrador fracassava, porque não sabia exigir pagamentos e se compadecia dos que alegavam dificuldades para solver seus débitos.”

O mesmo distinto jornalista refere o seguinte: “No livro “CLERO MINEIRO”, 1.º vol., 1553 a 1889, da autoria de Furtado de Menezes, encontram-se referências ao Colégio de Congonhas (por algum tempo dirigido pelo Padre Machado), das quais transcrevemos a seguinte: “Em 1867, foi a direção do colégio confiada ao Padre Antônio da Costa Machado, que a 16 de setembro de 1871, retirou-se a pé, sem exigir o seu saldo”.

Naturalmente êsses professôres, em vida do Padre Machado, não reclamavam pagamento, porque sabiam bem que o colégio não tinha recebido as mensalidades de muitos alunos, não tinha com que lhes pagar. Sabiam também que o bom diretor, o Padre Machado, dava tudo o que tinha e não estava em condições de saldar aquelas dívidas. Quando porém o bom padre faleceu, trataram então de vender seus livros para a liquidação das dívidas. No inventário dos livros deixados pelo padre, há um despacho do juiz, discordando da avaliação dos livros. “Uma vez que os louvados, conquanto honestos, não estavam à altura de avaliá-los devidamente”.

O Padre Machado foi grande amante da pobreza, pois bem sabia êle que os bens terrenos escravizam o coração e êle queria ter seu coração liberto para servir a Deus com dedicação total, despreocupado dos interêsses terrenos, sempre absorventes e aflitivos.

Diz São Francisco de Sales: “Jesus Cristo, não podendo ser pobre no céu, encarnou-se e veio a êste mundo, suportar a mais dura pobreza...” Nosso Senhor e a Virgem Maria praticaram a pobreza, desdenhada, desprezada, vilipendiada, incômoda.

São Pio X, o grande papa dos nossos tempos, deixou em seu testamento esta frase de ouro: “Nasci pobre, vivi pobre, quero morrer pobre.”

O Padre Machado compreendeu quanta riqueza se encerra na pobreza.

ESTIMA DOS PAROQUIANOS

O virtuoso pároco de São João del-Rei gozava de muitas simpatias. Era verdadeiro culto de estima com que seus paroquianos acompanhavam a vida edificante de nosso bom padre. Uns o estimavam pelo zêlo apostólico que o inflamava. Outros pela caridade com que tratava os humildes e pobres, outros pelo bom acolhimento e afabilidade que a todos dispensava, outros pela erudição de que era detentor, sob a maior modéstia e simplicidade.

Diz o Dr. Emílio José Loureiro, seu parente e contemporâneo: “O Coronel Custódio de Almeida Magalhães, fundador da Casa Bancária, tão conhecida em Minas, contrerrâneo e parente próximo do Padre Machado, tinha tal devoção a êle, que pensava que o casamento de suas filhas, celebrado pelo Padre Machado, seria feliz; algumas vêzes consorciavam-se no Rio de Janeiro e isto obrigava o bom padre a longa jornada a cavalo, como então se fazia de São João del-Rei até a côrte.” Mesmo para se alcançar a mais próxima estação da Estrada-de-Ferro Central, era longa a **viagem**.

As belas maneiras com que o bom padre acolhia os pobrezinhos, sua equanimidade o interêsse como se des-

velava pelos enfermos, tudo concorria para o culto de estima e veneração que espontâneamente, lhe prestavam. As maneiras acolhedoras, a caridade para com todos explicavam bem a auréola de respeito e amizade com que seus contemporâneos o distinguiam.

Os apóstolos, certa vez, ficaram indignados com os samaritanos, que haviam repellido o Divino Mestre e lhe pediram permissão para atraírem o fogo do céu sôbre aquêles atrevidos samaritanos. Mas Jesus lhes disse: “Não sabeis de que espírito sois. O Filho do Homem não veio para perder e sim para salvá-los.

Compreendia-o muito bem nosso bom padre. A clemência do Divino Mestre o encantava e procurava imitá-la.

Jesus, dirigindo-se a Zaqueu, disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque também êle é filho de Abraão. Na verdade o Filho do Homem veio procurar salvar o que estava perdido.” (Lc. XIX, 1, 10).

O bom pároco tinha entranhas de misericórdia e procurava se embeber dêsse espírito, que o Divino Mestre tentava transfundir nos seus discípulos. A estima que os paroquianos dedicavam ao bom pároco, eclodiu de modo impressionante por ocasião de sua morte. Veremos pelo noticiário da imprensa daqueles dias de luto, como chorou a alma são-joanense, na orfandade em que a deixara o bom padre.

Cêrca de um ano antes de sua morte o Padre Machado pensou em deixar o paroquiato que exercia com agrado de todos os seus paroquianos. Ao menos constou isso, pôsto que não se conheça ao certo se de fato tentou alijar de si a responsabilidade do paroquiato, que se ia tornando mais pesado pelo aumento da população da sua extensa paróquia. O certo é que foi dirigido ao bispo de Mariana um officio da Irmandade do Santíssimo Sacramento, com data de 4 de outubro de 1883, no qual se dizia:

“A mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento... acaba de ser dolorosamente surpreendida com a notícia de que o Cônego Antonio José da Costa Machado pretende pedir a V. Revma. dispensa do lugar de pároco desta freguezia e de vigário da vara da Comarca, cargos que êle tem desempenhado com zêlo, solicitude e caridade, de modo a não poder ser excedido... solicita a graça de pro-

videnciar de modo a não realizar-se a referida dispensa, continuando o nosso pároco a ilustrar-nos com suas luzes, exemplo e virtudes evangélicas. “O Exmo. Bispo de Mariana, Dom Benevides houve por bem atender ao pedido da Irmandade, em ofício de 26 de outubro de 1883. Nesse ofício de resposta diz o prelado... “Fêz-se ver o alto e justo aprêço em que V.V. senhorias têm o Revmo. Cônego Antônio José Machado. Esta significativa prova dos ótimos sentimentos que dominam a Irmandade dos SS. Sacramento da Matriz de São João del-Rei, encheu-me de consolação”.

E para o gáudio dos são-joanenses o bom vigário continuou a exercer pastoreio de suas almas com zêlo ardente que o caracterizava.

ZÊLO ARDENTE

Amarás a Deus de todo o teu coração, preceituou o Senhor. Uma alma fartamente iluminada pela fé não pode deixar de ser estuante no seu zêlo, pois o zêlo é a manifestação inequívoca do amor de Deus.

Quando lemos nas biografias dos grandes servos de Deus, as manifestações do zêlo que os consumia, logo vamos encontrar a razão de ser de tudo, a fé esclarecida e viva que os animava. Como poderemos ver nosso irmão a debater-se nas ondas, prestes a sossobrar e ficar de braços cruzados? Como entender que um Ministro de Cristo o veja lavado em sangue e não faça o que estiver ao seu alcance para impedir que se perca êsse sangue e as almas se condenem?

O bom padre desejava levar o perdão da Divina Misericórdia a tôdas as almas, pois sabia que o Filho de Deus viera à terra para remi-las.

Nos primeiros tempos até a primeira metade dèste século inclusive, em tôdas as províncias ou estados do Brasil, era realmente difícil a vida dos párocos, pois as grandes distâncias a vencer para o exercício do ministério sagrado, se percorriam a cavalo. Não havia veículos a gasolina, nem rodovias. Hoje a cavalgadura está em grande parte substituída pelos motores.

Não faz muito, um vigário do interior contava que certo dia ao regressar de uma breve viagem, encontrou três cavalos à sua espera, junto à casa paroquial. Eram três chamados de moribundos, que moravam longe e distantes uns dos outros. O vigário procurou ir atender ao mais grave dos doentes, e voltou no dia seguinte; encontrou ainda os dois portadores à espera. Foi atender ao segundo moribundo, voltou na madrugada do dia seguinte, e ainda encontrou o terceiro portador. Estava tratando de ir acudir ao terceiro doente, quando chega um nôvo recado, informando que o terceiro moribundo tinha falecido.

O Padre Machado tinha grande prazer em reconduzir ao redil as ovelhas desgarradas. E dava por muito bem empregados seus sacrificios, quando lograva conquistar um pecador.

Conta São Mateus que Pedro perguntou um dia a Jesus: “Senhor, quantas vêzes posso perdoar se meu irmão pecar contra mim? Até sete vêzes? — Jesus respondeu: Não te digo que até sete vêzes, mas até setenta vêzes sete”. Não queria o bom padre, como bom pastor que era, que nenhum de seus paroquianos partisse desta vida sem antes receber os últimos sacramentos. Por isso era incansável em os atender; que felicidade para êle poder repetir para um penitente as palavras de Jesus: “A tua fé te salvou, vai em paz”. No seu zêlo, êle se recordava das palavras do Evangelista São João: “Deus amou os homens de tal maneira, que não duvidou em imolar seu Filho Unigênito”.

O bom padre levava seu zêlo até o heroísmo. Diziam que a fim de não demorar, quando o chamavam à noite, para atender a um doente, dormia vestido. Assim, com máxima presteza, atendia ao chamado urgente. Conhecia o valor e a necessidade da confissão para os pecadores, e em particular para os moribundos. O Concílio de Trento chama a confissão “segunda tábua de salvação, depois do naufrágio”.

Sabemos que no fim de sua santa vida, estando com o pé em mísero estado, montou a cavalo, fêz longa caminhada para atender a um agonizante; quando voltou para casa, ia ferido de morte. Deitou-se para não se levantar mais.

O zelo do Padre Machado obedecia à orientação que o Divino Mestre queria ver no verdadeiro zelo: “Brilhe vossa luz diante dos homens, de sorte que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem ao Pai Celestial.”

Ele podia ter abraçado vida cômoda, mas preferiu abraçar a cruz: “Proposito sibi gaudio, sustinuit crucem”. (Hebr. 12, 2).

O exemplo da vida santa que levava, fazia do zeloso pastor de almas, um pregador constante. Que eficácia, na verdade, pode ter um bom conselho, desacompanhado de boas obras? Por isso escrevia São Paulo a Timóteo: “É necessário que sejas irrepreensível”. O pregador nunca deveria ouvir dolorosas advertências: “Médico, cura-te a ti mesmo”. (Lc, 4).

O ESMOLER

O Padre Machado era um grande perdulário, no sentido mais santo da palavra.

Como o líquido nos escapa por entre os dedos quando o tomamos na mão, assim o dinheiro desaparecia das mãos do bom padre, quando os pobres o procuravam. Era realmente mão aberta; duas grandes razões explicam sua liberalidade: seu despreendimento dos bens terrenos e sua compaixão pelos pobres; uma e outra cousa à luz da fé.

Ao môço rico do Evangelho que interpelou o Divino Mestre, para saber como se poderia salvar, fêz a Sabedoria Encarnada, ver que o caminho era a prática dos mandamentos.

Para a perfeição porém, Jesus fêz notar: “Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá-o aos pobres, depois vem me acompanhar”. Ao ouvir isto, o môço se foi triste, porque possuía muito dinheiro. Disse então Jesus aos seus discípulos: “Em verdade vos digo: difficilmente entrará um rico no reino dos céus. E vos digo mais: é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus”.

Nosso bom padre estava bem ao par dêsses ensinamentos divinos e conhecia a infelicidade dos que se deixam dominar pela “auri sacra fames”. Por isso

conservava seu coração liberto da escravidão dos bens terrenos. Sua aspiração era a conquista do reino dos céus: “Buscai antes o reino de Deus e sua justiça e o resto vos será dado em acréscimo”. Assim despreendido, seu coração se inclinava para os pobrezinhos, nos quais honrava o próprio Jesus Cristo. Aliás, seu amor à pobreza, encontrava cabal explicação, no conhecimento da preferência do Divino Redentor, pela vida pobre, pois êle “sendo rico, por nós se fêz pobre, para que ficássemos ricos por sua pobreza”. E São Bernardo, Doutor da Igreja, referindo-se ao divino modêlo do sacerdote, diz: “Foi pobre ao nascer, mais pobre ainda no correr da vida, paupérrimo ao morrer”.

O conforto da vida dos detentores das riquezas, não seduzia nosso bom padre, a quem não eram desconhecidos os laços que o inimigo das almas lhes arma com as riquezas, como diz o apóstolo: “Os que se querem tornar ricos, caem na tentação e na armadilha do demônio; são tentados por muitos desejos inúteis e nocivos, os quais conduzem o homem à morte e à perdição; pois a cobiça é a raiz de todos os males”.

Nosso bom padre queria conservar seu coração liberto e receiava que êle, juntando riquezas, nela criasse raízes, pois “onde está teu tesouro, aí está teu coração”, disse o Divino Mestre.

Os pobres não ignoravam que o bom padre não sabia guardar suas economias. Um seu sobrinho, que já citamos acima, escreveu em 1919: “Numa cidade de Minas, onde as festas religiosas se faziam com suntuosidade, foi chamado o Padre Machado para pregar os sermões da Semana-Santa. Terminadas as festividades, entregou o tesoureiro da comissão ao insigne pregador a espórtula em carta fechada. Em caminho, para sua residência, uma velha a êle se dirigiu, implorando uma esmola para seus netos que sofriam fome e frio. Prontamente retirou êle do breviário o envelope que acabava de receber e o entregou à mendiga. Grande foi o espanto desta, ao abrir o envelope, achando nêle uma cédula de quinhentos mil réis. Supondo ter havido algum descuido do padre, corre a êle dizendo: “V. Rev. se enganou; eu lhe pedi uma esmola... aqui são quinhentos mil réis”. “Pois sim, replica o caridoso sacerdote, foi São Vicente quem te deu o

dinheiro, para que teus netos não sofram nem frio, nem fome, durante alguns meses.

Nosso bom padre guardava na memória as palavras de Jesus: “Quem der de beber um copo d’água que seja a um destes pequenos... em verdade vos digo, não perderá sua recompensa”. (Mt. 10, 46).

Refere-nos a Sagrada Escritura os conselhos de Tobias a seu filho. Homem temente a Deus, sabendo que se avizinhava a morte quis dar ao jovem Tobias diretrizes seguras para que êle não abandonasse o caminho da virtude. Entre os outros conselhos deu-lhe o seguinte: “De teus bens dá esmolas e não deixes de olhar para pobre algum, assim conseguirás que Deus sempre te dirija seu olhar. Sê caridoso, na medida das tuas possibilidades. Se vieres a possuir muitos bens dá com largueza; se tiveres poucos recursos mesmo assim procura dar alguma coisa. Deste modo entesouras para ti um belo prêmio que te valerá no dia da necessidade, pois a esmola nos livra de todo o pecado e da morte e não permite que a alma caia na região das trevas. Os que praticam a esmola são por ela recomendados encarecidamente a Deus... reparte o teu pão com os que têm fome, com os pobres; reparte tua roupa com os que não têm com que se vestir”.

Estes belos conselhos de Tobias foram confirmados pelo Arcanjo Rafael quando terminou sua missão em favor do jovem Tobias. Ao despedir-se disse: “É coisa boa a oração e a penitência e é melhor dar esmola do que acumular riquezas, pois a esmola livra da morte; é ela que cancela os pecados e conquista a misericórdia e a vida eterna...” O Padre Machado tomou para si, os conselhos dados ao jovem Tobias. E o salmista canta (salmo XL): “Feliz daquele que compreende a necessidade do pobre e do mendigo; Deus se compadecerá dêle no dia do infortúnio. O senhor o conserve e lhe dê vida e o faça feliz na terra e o não entregue às mãos dos seus inimigos...”

O Padre Machado podia pregar sôbre a necessidade de dar esmola de cabeça erguida, pois como se disse de Jesus, “começou a fazer e a ensinar”. Assim êle.

Diz o grande Santo Agostinho: "Uma pequena esmola produz grande abundância de graças. O pobre é como um campo fértil, que para o semeador produz rica messe. E o bom senso popular diz: Quem dá ao pobre, empresta a Deus.

O pobre aos olhos do homem de fé, merece o maior respeito. Deus se serve d'ele para se pôr ao alcance de nossa mão e receber nossos humildes obséquios. Diz o salmista:

Quem como Deus que mora nas alturas do céu? Aos seus olhos tudo é pequeno no céu e na terra. Ele levanta o pobrezinho do pó e ergue o mendigo da sordidez ao nível dos Maiores do seu povo... (CXII).

Nosso bom padre, grande conhecedor dos Livros Sagrados, entendia muito bem êsses encômios tecidos à pobreza. E entendia também que é grande graça podermos oferecer a Deus nossos humildes préstimos, enxugando pela esmola as lágrimas dos pobrezinhos. E para êle as riquezas tinham pouco valor, porque tinha os olhos fitos na recompensa, que é o próprio Deus. "Eu serei a tua imensa recompensa". (Gen. 15, 1).

Em um dia de chuva, o bom padre encontrou um mendigo que lhe pedia uma esmola; mas no momento êle não tinha dinheiro consigo. Pediu-lhe desculpa, mas se lembrou de que lhe poderia dar sua capa. E foi o que fez. E foi adiante molhando-se todo.

Era assim o Padre Machado. Dêle também se pode dizer: "Passou fazendo o bem." (Jac. 2,23).

A 15 de junho de 1881, foi êle agraciado com o título de Cavaleiro da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo.

BEM-AVENTURADOS OS MANSOS

Admiramos as inteligências brilhantes, aplaudimos com entusiasmo os talentos artísticos, mas o que nos conquista propriamente é a bondade. O homem que nos trata com brandura, que se compadece dos nossos sofrimentos, que se não irrita com as nossas faltas, que sabe tolerar e paga com o bem o mal que recebe, êsse é prodígio de bondade. Ele nos cativa pela tirania da

bondade, cuja fôrça conquistadora desconhece barreiras intransponíveis.

Os prepotentes por vêzes têm de capitular, os mansos não capitulam. Uma muralha feita de sacos cheios de algodão oferece maior resistência do que um muro de granito, ao impacto dos projéteis. O homem violento sente que o ímpeto de sua fúria perde tôda a fôrça, quando atinge uma barreira de bondade. Quem não se sente desarmado diante de uma acolhida serena e doce?

Nosso bom Padre sentia ressoar-lhe nos ouvidos a recomendação de Jesus “Sêde misericordiosos como é misericordioso vosso Pai que está no Céu” (Lc, 6, 36).

E o padre Machado coerente consigo mesmo praticava a caridade em tôda linha, isso é em tôdas as suas relações com o próximo. Pois algumas vêzes se encontram pessoas que são capazes de dar uma esmola até avultada, mas são fáceis em ferir o próximo com palavras contundentes ou sarcásticas ou então guardam ressentimentos e recusam perdoar.

O coração verdadeiramente caridoso deve se lembrar do que disse Jesus: “Tenho mais amor à misericórdia do que ao sacrificio, pois não vim para chamar os justos e sim os pecadores”. (Mat, 9,28).

Deus não quer que ninguém se perca, mas que todos se arrependam e se salvem (II Petr, 3,9). Essa caridade ampla, tôda divina, era a que nosso bom padre procurava imitar no inigualável Modêlo.

Almeida Queiroz, anos atrás, publicou em um jornal de Juiz de Fora o seguinte fato: “Um dia em viagem, vinham com êle (Pe. Mahado) no mesmo carro alguns estudantes da Escola Politécnica. Estes começaram a dirigir-lhes gracejos tão impertinentes que chegariam ao ponto de tirar-lhe a calma, se a humildade não lhe fôsse constante companheira. “Moços, lhes disse, sem azedume, com evangélica mansidão, o riso, o brinquedo cabem muito bem a vossa idade. Eu já fui môço e jovial; estudei até o quarto ano na Escola que presentemente freqüentais; nunca porém faltei ao respeito às pessoas dignas dêle; nunca escandalizei a velhice; meus pais ensinavam-me a beijar as mãos dos velhos. Porque não haveis de ser caridosos comigo?”. Um dos rapazes apro-

ximou-se e pediu-lhe perdoasse a irreverência dos colegas. Os outros companheiros aproximaram-se e o virtuoso sacerdote a todos encantou com a sua conversa erudita e bondosa.

Diz Santo Agostinho: “Queres aprender a agir com calma? Contempla a eternidade de Deus”. Quem pode resistir a calma e a doçura? O Divino Mestre queria que seus discípulos se armassem não com escudo e lança, mas com mansidão: — Aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração (Mt. 11,19).

O Padre Machado foi um bom discípulo do Mestre da doçura. Seu zêlo não explodia em desafôgo de cólera, sob pretexto de vingar a glória do Senhor essas manifestações, muitas vezes são apenas expansões do “ídolo de zêlo” de que fala o profeta Ezequiel (Ez. 8). Como pastor, gostava nosso bom padre de invocar em favor de suas ovelhas, a misericórdia do Coração de Deus que é “Misericors... longaminis et multum misericors” (SI CII, 8) Misericordioso... tolerante e cheio de misericórdia.

VIDA MODELAR

O Padre Machado, desde os primeiros anos de sua vida sacerdotal, foi extremamente cuidadoso na prática das virtudes próprias do seu ministério sagrado. O amor à oração levava-o a confabular com o Deus de sua alma freqüentemente, para haurir a fôrça de que necessitava para, como bom atleta enfrentar os inimigos que assediam, de modo especial aquêles, cuja atividade mais contribui para a dilatação do reino de Cristo. Amante da pobreza e da penitência, sentia-se sempre disposto a lutar, pois os bens terrenos são sempre um impecilho para os lutadores, nas campanhas do espírito.

A frugalidade do Pe. Machado era extrema. Fêz voto de não comer carne e por vinte anos, isto é, até a morte, manteve seu voto. Vestia-se pobremente e sua residência era de grande simplicidade.

Seu tempo era tomado pelo ministério paroquial. Quando algum tempo lhe restava, ocupava-se no estudo, pois sabia que a ciência é indispensável ao sacerdote.

Levou essa vida santa até o quadragésimo sétimo ano, que o último de sua preciosa existência.

A origem da enfermidade que o levou à sepultura foi a imperícia no tratar de um calo que tinha no dedo mínimo do pé direito. O dedo inflamou-se-lhe e em breve todo o pé ficou infeccionado. Obteve alguma melhora, mas retomando suas ocupações, o mal recrudescceu.

Naqueles dias ocorria a festividade de *Corpus Christi*. Foi êle pontificar na procissão, fêz a longa caminhada pelas ruas mal calçadas da cidade. Ao chegar a sua residência, com grandes dores, encontra um chamado urgente... Monta a cavalo e corre à cabeceira do doente que lhe mandara pedir os últimos socorros da religião. Eram três léguas a cavalo. Quando regressou, tinha o pé em mísero estado. No dia 16 de junho (1884) tentou ainda celebrar o santo Sacrifício da Missa, mas não conseguiu. Pediu aos presentes que não o deixassem morrer sem os socorros todos da religião e só se tranqüilizou quando um amigo que sempre estava a seu lado, Sr. Daniel de Paiva, tomou as devidas providências.

Quando o amigo o avisou da vinda do Santo Viático, recebeu a notícia com visível transporte de alegria. Quando o Monsenhor José Pedro da Costa Guimarães chegou com o Santíssimo Sacramento, o Padre Machado quis fazer sua profissão de fé. Como não podia recitar tôda a fórmula disse: "...Aceito tudo quanto está aí escrito... censuro o que a Igreja censura... condeno o que a igreja condena... condeno qualquer expressão que eu tenha dito que por acaso seja condenada. Nada tenho a perdoar aos meus paroquianos... recebi dêles sempre as maiores provas de amor... e de estima... me perdoem êles alguma falta... Peço a todos e especialmente aos senhores sacerdotes que façam por conservar sempre e manter a devoção aos SS. Corações de Jesus e de Maria... a êles deve São João del-Rei grandes benefícios... Entrego-me às mãos de Deus e se fôr necessário que eu padeça até o fim do mundo... faça-se a vontade de Deus..." Recebeu os últimos sacramentos com o maior

fervor e santamente alegre. Seu estado de saúde foi piorando sempre até o dia 24 dêsse mesmo mês de junho, dia em que entregou sua bela alma a Deus às 12 horas.

Era grande devoto de Nossa Senhora do Carmo. Mostrou o desejo de ser enterrado na Igreja do Carmo, mas disse: “Como vigário deverei ficar na Matriz”.

Os pormenores dos últimos dias e do sepultamento do santo sacerdote foi amplamente notificado pela imprensa daqueles dias, quer em São João, quer nas outras cidades próximas.

No fim dêste livro, encontraremos a reprodução de artigos dos órgãos mais importantes da imprensa que fizeram a reportagem dos dias de luto que consternou tôda a população são-joanense, ao desaparecer êsse ilustre sacerdote que o povo venerava como santo.

Podia êle por ventura dizer como São Paulo: “Combati o bom combate, cheguei ao fim da minha carreira, conservei a minha fé. Agora me resta receber a coroa de justiça, que o Senhor me dará (II Tim. 4-7, 8).

Morreu como um justo, dando ainda no momento extremo a mais bela lição de fé aos que o acompanhavam nos últimos momentos. Com o Jesus que tanto amava podia êle exclamar: “Senhor em tuas mãos deposito o meu espírito”.

CERTIDÃO DE ÓBITO DO CÔNEGO ANTÔNIO JOSÉ DA COSTA MACHADO. Aos vinte e quatro de junho de mil, oitocentos e oitenta e quatro, faleceu de infecção purulenta, com quarenta e sete anos incompletos, o Cônego Antônio José da Costa Machado, vigário encomendado desta Freguesia e da Vara da Comarca do Rio das Mortes, missionário apostólico por sua Santidade Pio IX de santa e saudosa memória. O finado era brasileiro, branco e natural desta cidade: assim como recebeu também todos os sacramentos. Depois do entêrro no dia vinte e cinco, officio rezado e tôdas as encomendações do ritual e da confraria e Ordem Terceira do Carmo e São Francisco, foi sepultado em um carneiro aberto atrás do Consistório ou Capela funda do Santíssimo Sacramento e do Sagrado Coração de Jesus, por assim ter pedido, cuja capela é na Igreja-Matriz. O Padre José Pedro Guimarães.

Nada mais se continha no dito assentamento, que fielmente foi copiado do original a que reporto.

“Ita in fide Parochi”.

São João del-Rei, 12 novembro de 1964

Mons. Almir de Rezende Aquino

Pároco da Catedral

O OCASO

Quando o sol descamba no nosso horizonte, começa o alvorecer no outro lado da terra. O que para nós é desmaio de luz, para essa outra gente é o primeiro fulgor do sol que vai despontar. Ocaso aqui, aurora além.

Quando nossa vida se aproxima do seu térmo, a verdadeira vida que nos espera está para começar.

O dia em que exalamos o último alento, na linguagem da Igreja, quando se refere aos seus santos, é o *dia natalício*.

Quando morre um justo, na verdade, sua alma nasce para o céu.

O dia 24 de junho de 1884, foi o dia natalício do Padre Machado, isto é, o dia em que êle fechou os olhos à luz dêste mundo para mergulhar na feliz eternidade.

Ao referir-nos acima aos últimos dias do nosso bom Padre, tocamos por alto nos fatos que então se desenrolaram em tôrno de sua pessoa porque desejávamos reproduzir alguns artigos publicados pela imprensa, naqueles dias, nos quais se descreve com pormenores a última fase dessa vida, cujo desaparecimento abalou não só a cidade de São João, mas várias outras.

Conseguimos poucos dos antigos periódicos, que noticiaram o falecimento do Padre Machado. Transcrevemos, ao menos, alguns poucos tópicos da reportagem que então se fez.

A VOZ DA IMPRENSA

Gazeta de Notícias

São João del-Rei, 25 de junho de 1884.

O Cônego Antônio José da Costa Machado

As grandes catástrofes abatem o mais forte espírito, entorpecendo-o a ponto de fazê-lo acreditar um sonho, a realidade desesperadora do golpe desapiedado e violento, que em sua impenetrável inexorabilidade, apraza ao destino desferir-lhe.

Para nós está neste caso o infausto passamento do Cônego Antônio José da Costa Machado, calamitoso acontecimento, que ora imerge em desolador desalento a população inteira desta cidade, que foi berço do insigne sacerdote.

Desde domingo a moléstia cruel que lhe prostou o corpo, não conseguindo quebrantar-lhe o superior espírito, tinha-se agravado mortalmente, lançando atroz consternação no ânimo inconsolável de todos os amigos que o cercavam.

Já a ninguém era dado iludir-se acêrca do desastre fatal que se antolhava inevitável, iminente. Entretanto quando ontem, uma hora da tarde, os dobres fúnebres de finados anunciaram que acabava de exalar o derradeiro suspiro o idolatrado sacerdote, todo o mundo estremeceu prêso de mágoa indescritível, e de muitos olhos irromperam lágrimas abundantes e espontâneas, eloqüente expressão da dor cruciante, que dilacerava os corações dos que o amavam até quase a idolatria.

E nunca um pranto correu mais justo, porque era irreparável a perda do homem eminente, que a morte acabava de arrebatara de entre nós... Baixa ao túmulo um dos mais notáveis filhos de São João del-Rei.

Ninguém amou esta terra mais do que êle, ninguém se preocupou mais com a sua prosperidade e já nos momentos extremos ouvimo-lo ainda invocar a proteção do Coração Santíssimo de Jesus em bem de sua cidade natal.

Sacerdote completo, o Cônego Antônio José Machado era ornado de virtudes difíceis de serem igualadas, impossíveis de serem excedidas.

Em ninguém encontrou a caridade cristã mais fervoroso apóstolo e seu grande coração guardava, em si, generosidade sôbre-humana, verdadeiramente angélica. No perdão e esquecimento das injúrias e quantas sofreu! Revelou-se discípulo convencido do Divino Mestre e nos seus atos mais pequenos, divisava-se pronunciado desprendimento pelas cousas terrenas.

Aquela grande alma desprezava, com a mais pura sinceridade, as glórias humanas que duram pouco, e só visava outras mais altas e menos transitórias. De um talento poderoso, avigorado por prodigiosa memória e por estudos ininterrompidos no silêncio mudo de uma biblioteca, como haverá raras já no número, já na valia das obras que contém, o Cônego Machado possuía uma ilustração imensamente grande e nesse ponto, dizemo-lo sem medo de errar, nenhum membro do clero brasileiro podia levar-lhe vantagem.

Foi pena que as manifestações dêsse talento colossal não houvessem saído do campo limitado em que sempre geraram. Na conversação revelava-se um ente superior, era porém na tribuna sagrada, a que subia constantemente, que se traíam as grandezas de um gênio gigante.

Se nem sempre conseguiu revestir a frase com a pompa e as flôres dos oradores privilegiados, cada discurso seu era entretanto, um monumento de lógica e de erudição.

Modesto, humilde, escrupuloso, como só êle o sabia ser, foi necessário ordem superior, positiva, para obrigá-lo pela obediência, a aceitar a direção espiritual desta paróquia. E foi o trabalho insano a que se entregara e foram os profundos desgostos morais, que o assaltaram, no exercício consciencioso da pesada missão, de que o encarregaram, que tão cedo o atiraram ao túmulo o venerando sacerdote, nosso idolatrado amigo. Ante o vulto eminente que se envolve hoje nas sombras misteriosas da eternidade, é para sentir-se a insignificância da pena que em homenagem a êle, traça estas linhas singelas, como foi singelo o grandioso coração do humilde levita, diante de cujo sepultamento, hoje nos curvamos, com a alma enlutada, pelos mais pungitivos sentimentos da dor e da saudade. É cedo ainda para conhecer-se a imensidade da desgraça que nos infligiu a Divina Providên-

cia na imprescutabilidade misteriosa dos seus decretos irrevogáveis.

A “Gazeta Mineira” consagrando homenagem a sua primeira página ao culto da augusta memória do virtuoso sacerdote, ainda insepulto, cumpre apenas um dever. No coração de todos os são-joanenses que estremecem deveras sua terra natal, grava-se hoje indelével lembrança do respeitável varão, que ora risca-se do número dos vivos. E sem transpor os limites até onde à previsão humana é dado chegar, podemos dizer com a mais pura convicção: Morreu um justo.

JORNAL DE SÃO JOÃO

O Cônego Antônio Machado.

Na idade de 46 anos faleceu ontem nesta cidade, vítima de uma infecção purulenta, o Cônego Antônio José da Costa Machado, venerando e ilustrado vigário da freguesia.

O sacerdote nmiamente erudito virtuoso, dotado de um coração bondoso até o excesso, o Cônego Antônio Machado deixa nesta paróquia um vácuo talvez impreenchível. Sua morte prematura levou o dó e a tristeza ao coração de todos os habitantes desta cidade.

— Às 11 horas do dia de hoje, foi o seu corpo conduzido por quatro sacerdotes para a Matriz, precedido das ordens e irmandades, formando numeroso e imponente préstito funerário, acompanhado por... enormes multidões de povo. Depois de rezado o officio fúnebre, celebrou-se a Missa de Réquiem, terminando a cerimônia pela encomendação... Foi o corpo levado para a sepultura que, segundo desejo manifestado pelo finado, fôra aberta no Consistório do Sacramento, atrás do altar do Sagrado Coração de Jesus.

Antes de fechar-se a sepultura, o Dr. João Mourão visivelmente comovido pronunciou um sentido discurso em homenagem à memória do ilustre morto.

ARAUTO DE MINAS

São João del-Rei, 28 de junho de 1884

Ubi inveniemus parem?

Nolite flere super me, sed super vos et

super filios vestros (Lc. XXIII)

A 24 do corrente mês, às 12,25 horas da manhã, os fúnebres e plangentes sinos das Igrejas desta Cidade levavam a todos os ângulos a triste nova de haver esta freguesia perdido seu pastor venerando, seu luminoso farol como tremendo furacão que caminha uivando em sua passagem, abate altivos jequitibás, frondosos pinheiros, não poupando mesmo os rasteiros arbustos, que crescem nas divisas dos vales, a desoladora notícia espalhou-se abatendo todos os espíritos e lançando nêles a desolação.

Cobriu-se de pesado luto São João. E não são desarrazoadas essas demonstrações de pezar, nem inexplicáveis as lágrimas que se vêem correr pela face de todos. Nenhum são-joanense mais que o Cônego Machado amou a sua terra, a terra que lhe foi berço, nenhum mais a exalçou e encheu de desvanecimento por seu merecimento intelectual e pela ilustração que o colocou entre os mais conspícuos membros do clero brasileiro.

A Igreja são-joanense vestiu-se de crepe e desferindo nas plangentes notas dos órgãos sagrados, fúnebres cânticos, chora a perda do eminente vigário a cujos pés vinham os fiéis em filial confiança, depor as mais íntimas confissões. Está vazia e desornada a cadeira sagrada.

Incumbido de conservar os dogmas, propagar a moral e difundir os benefícios daquela pura crença, pelo rebanho que lhe foi confiado, o virtuoso sacerdote não se furtava à fadiga, nem ao sacrifício da própria saúde...

Atestam seu ardente zêlo pelo culto divino, a instituição da devoção aos SS. Corações de Jesus e de Maria e a recitação quotidiana do têrço.

O espírito elevado e esclarecido, do Cônego Antônio José Machado, como pároco, não queria o povo imbuído em crendices; cortava os abusos da fé, reportando-se a sua

consciência e a doutrina da Igreja... inutilizava as superstições populares e removia tôdas as sombras que buscam desfazer e empanar a santidade do cristianismo, que é por essência, civilização prática. Com a chave que lhe foi entregue pela igreja êle abria os inexauríveis cofres da providência e da lá espalhava, a mãos largas, preciosas jóias... verdadeiro seguidor do Divino Mestre, tornou-se missionário apostólico, ensinando pela palavra e pelo exemplo. Sua vida era uma explanação da doutrina que persuade, palavra viva que levava profunda convicção ao coração dos paroquianos. Era um exemplo encarnado, não era só um oráculo dos ensinamentos de igreja; não pregava apenas, aconselhando a prática das virtudes, êle procedia mais eloqüente e persuasivamente: as exercitava... como Jesus aproximava de si os meninos e com o pão do espírito, ministrava-lhes também a alimentação do corpo.

Distribuidor dos benefícios da caridade, o Cônego Machado, por seu coração cheio de mansidão, misericórdia e caridade se constituiu o esmoler dos abastados: era ouvido em todos os atos de beneficências e na sua probidade descansavam quantos buscavam aliviar a miséria dos indigentes.

Submete-se alegre de coração e espírito a vontade divina, repetindo sempre: "Fiat voluntas tua! Pater noster." Morre sereno, tranqüilo e impertérrito, como viveu... Viveu para a imortalidade, tendo cumprido sua missão gloriosa.

DO BOLETIM DOS SEUS ÚLTIMOS DIAS

Enfermidade: Há cêrca de seis meses, procurando extrair ou desbastar um calo no dedo mínimo do pé direito, fêz sangue, produzindo em seguida grande inflamação. Desde essa ocasião, jamais gozou saúde. Impaciente por correr às suas obrigações e devoções, magoava o pé; reaparecia a inflamação que de nôvo o levava ao leito.

Ultimamente acompanhou a procissão de *Corpus Christi*, sofrendo enormes dores. Chegou à casa caminhando com dificuldade. Ainda assim montou a cavalo

para atender a três léguas de distância; voltou com o pé coberto de sangue e bastante magoado. Ainda nos dias 13, 14 e 15, dirigiu-se com muita dificuldade para a matriz a fim de dizer missa. No dia 16 quis ainda celebrar, mas não pôde dar um passo, revelando-se desde então uma ardente febre que a par da extrema fraqueza que se achava, o consumia.

Reconhecendo a gravidade do seu estado, pediu aos médicos e aos amigos que o tranqüilizavam, que não o deixassem morrer sem os socorros espirituais...

Últimos momentos — Afinal chegou a hora do amigo (Daniel de Paiva) cumprir sua dolorosa missão avisando-o de que quando lhe aprouvesse, podia ir visitá-lo o sagrado Viático.

Com que transporte de alegria recebeu esta nova!

Com tôda a solenidade foi conduzido o Santíssimo Sacramento à habitação do seu ministro que ardia por tão consoladora visita. Quando junto a seu leito, o Revmo. Padre José Pedro, com os olhos banhados em lágrimas o avisou que ali estava o Santíssimo Sacramento, proferiu as seguintes palavras: "Quisera fazer minha protestação de fé, segundo o ritual romano; por sentir-me muito fraco não posso repetir a fórmula... Aceito porém tudo quanto ali está escrito, censuro o que a Igreja censura... condeno o que ela condena... condeno as expressões por mim proferidas e que estejam condenadas... nada tenho a perdoar a meus paroquianos; recebi sempre dêles as maiores provas de amor e de estima... me perdoam êles alguma falta... peço a todos e especialmente aos senhores sacerdotes que façam por conservar sempre e manter a devoção aos Santíssimos Corações de Jesus e de Maria; a êles deve São João del-Rei, grandes benefícios... entrego-me às mãos de Deus; se fôr necessário que padeça até o fim do mundo... faça-se a sua vontade..."

Contempla a sagrada hóstia, olha para o céu e seu rosto iluminado por um santo sorriso, parece demonstrar que vê pela porta entreaberta do paraíso, o lugar que lhe está preparado como soberana recompensa.

.....

Desde o dia em que recebeu o Viático, perdera-se tôdas as esperanças de salvar o enfêrmo; seu estado de hora em hora se agravava e apesar de ter o espírito lúcido, havia ocasiões em que delirava, falando sôbre o seu ministério. Aos sacerdotes que junto ao leito se conservam rezando apertava a mão e dizia: “Fiat voluntas Dei...”

Inúmeras pessoas visitavam o estremecido Pároco e forte inquietação se apoderava de todos à proporção que a enfermidade caminhava, prenunciando seu próximo têrmo fatal.

No dia 24 às 12 horas e 25 minutos, tendo à sua cabeceira o infatigável sacerdote Revmo. Padre José Maria, havendo já sido absolvido por cinco padres, tranquilamente entregou a sua alma ao seu Criador...

SAIMENTO FÚNEBRE

No dia seguinte, às 11 horas da manhã, efetuou-se o entêrro, a que compareceram tôdas as confrarias... As ruas onde passava o préstito, atufadas de gente e por tôda a parte o pranto e a desolação...

Na Igreja-Matriz, colocado o caixão na eça armada abaixo do arco-cruzeiro, cantando o último responsório, seguiu-se a bênção do túmulo, o officio fúnebre, a Missa cantada de Réquiem... Levado o caixão à sepultura, aberto junto ao altar do SS. Coração de Jesus, realizou-se o officio...

Em demonstração de pesar fecharam-se as repartições públicas, as aulas do externato, escolas públicas e particulares... Tomaram luto por oito dias, professores e alunos do Colégio Conceição.

A Irmandade do SS. Sacramento, muito dedicada ao seu Vigário, quis que êle fôsse sepultado na capela da matriz, conhecida por capela do SS. Sacramento.

A Ordem Terceira do Carmo, que também tinha em alto aprêço a dedicação com que o Padre Machado sempre a prestigiou e que por várias vêzes ocupara o cargo de Prior da Ordem, tomou a resolução de mandar celebrar o Santo Sacrificio da Missa por alma do Padre Machado durante dez anos, no dia 24 de junho.

ÍNDICE GERAL

	PÁGS.
Duas palavras	3
A família	5
O ambiente	6
A mineração	7
O nativismo	10
Primeiros anos	13
O seminarista	16
O seminário	18
O sacerdócio	20
Vida de Piedade	23
O sagrado ministério	25
O pregador	26
O penitente	28
O bom amigo	30
Coração sacerdotal	31
Estima dos paroquianos	35
Zêlo ardente	37
O esmoler	39
Bem-aventurados os mansos	42
Vida modelar	44
O ocaso	47
A voz da imprensa	48
— Gazetas de Notícias	48
— Jornal de São João	50
— Arauto de Minas	51
— Boletim dos últimos dias	52
Saímento fúnebre	54

